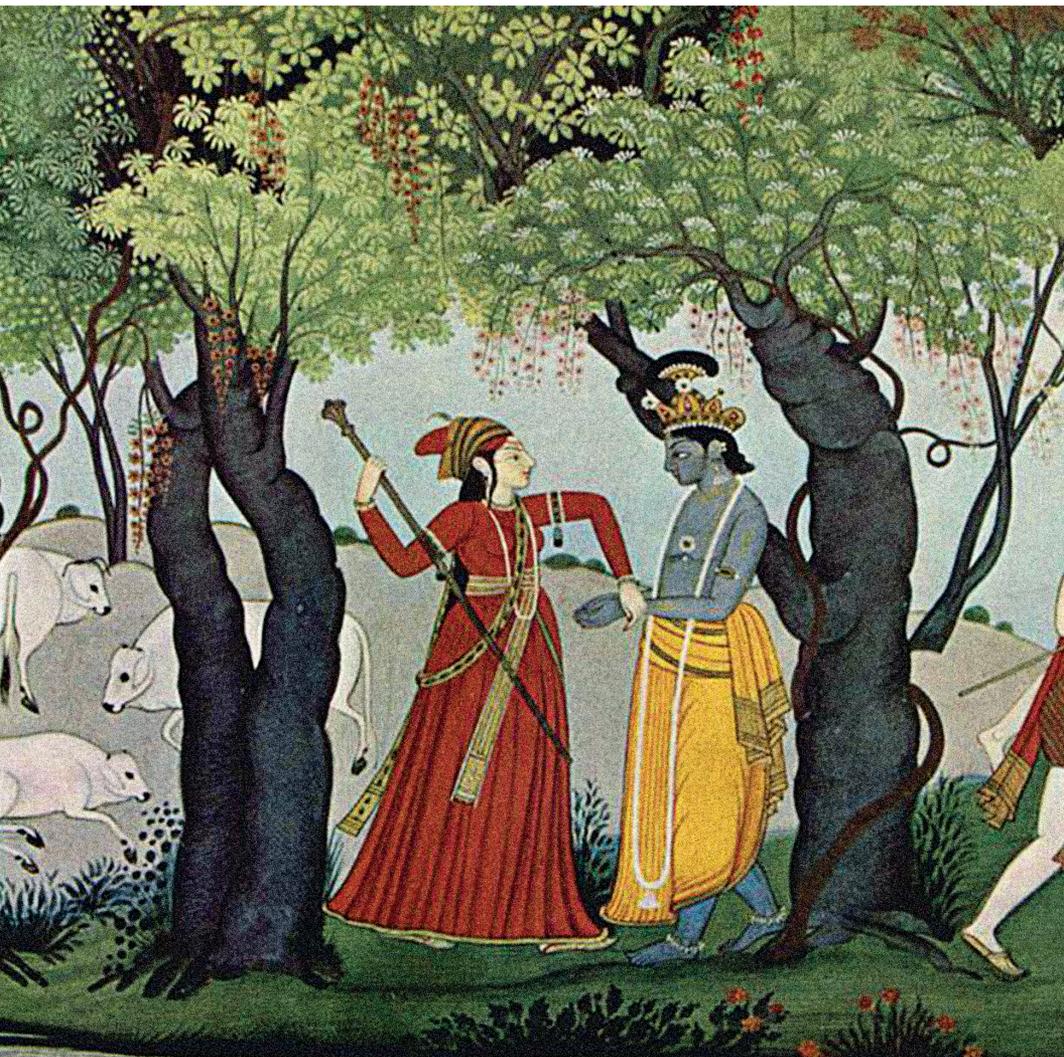


CADERNOS 19

DE LITERATURA EM TRADUÇÃO



ESPECIAL ÍNDIA

100 Grandes Poemas da Índia

Entrevista com Abhay K.

CADERNOS 19
DE LITERATURA EM TRADUÇÃO



USP UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-Reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez



FFLCH

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretora: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Vice-Diretor: Prof. Dr. Paulo Martins

Conselho Consultivo

Adail Sobral	Marco Syrayama de Pinto
Afonso Teixeira Filho	Maria Silvia Betti
Alípio Correia de Franca Neto	Marie Helene Torres
Andréia Guerini	Marta Pragana Dantas
Dirceu Villa	Maurício Mendonça Cardozo
Germana Henriques Pereira	Maurício Santana Dias
Inês Oseki-Dépré	Nilce Pereira
Kyoko Sekino	Pablo Cardellino Soto
Lauro Maia Amorim	Paulo Henriques Britto
Lincoln Fernandes	Reginaldo Francisco
Mamede Jarouche	Simone Homem de Mello
Marcelo Paiva de Souza	Válmi Hatje-Faggion
Marcelo Tápia	Viviane Veras
Márcia Schmaltz	Walter Carlos Costa

Proibida a reprodução parcial ou integral desta obra por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por processo xerográfico, sem permissão expressa do editor (Lei nº. 9.610, de 19.02.98).

Imagem da Capa:

O editor convidado, Abhay K., escolheu essa imagem, *Radha prende Krishna*, para dar à essa edição especial um rosto indiano ao usar uma tradicional pintura da Índia do século XVIII que mostra Radha e Krishna. As duas divindades também compõem o poema de Jayadeva *O Mensageiro fala para Radha*, presente nessa edição.

Todos os direitos desta edição reservados à:

FFLCH/USP
Rua do Lago, 717
Cidade Universitária
05508-080 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 3091-1514 / Telefax: (11) 3091-4589
e-mail: pubfflch@usp.br

Foi feito o depósito legal na Biblioteca Nacional (Lei nº 1.825, de 20/12/1907)
Impresso no Brasil / Printed in Brazil
Janeiro 2018

CADERNOS 19

DE LITERATURA EM TRADUÇÃO

Cadernos de Literatura em Tradução • n. 19 • 1-186 • São Paulo, 2018

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO • FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Copyright © 2018 dos autores

Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Cadernos de Literatura em Tradução / Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas/USP. – n. 1 (1997)- . – São Paulo : FFLCH/
USP, 1997-

Anual.

Modo de acesso: <<http://www.revistas.usp.br/clt>>

ISSN 2359-5388

1. Tradução. 2. Literatura. 3. Poesia. I. Universidade de São Paulo.
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

CDD 418.02

Esta publicação é indexada por GeoDados: Indexador <<http://www.geadados.uem.br>>

SERVIÇO DE EDITORAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO
editoraffch@usp.br

Editor Responsável

Prof. Dr. John Milton

Editor Convidado

Abhay K.

Arte da Capa

Ilustração: Pintor indiano, por volta de 1770, Indian Museum, Kolkata,
The Yorck Project: 10.000 Meisterwerke der Malerei

Comissão Editorial

Álvaro Faleiros, Francesca Cricelli, Gisele Wolkoff, Magdalena Nowinska,
Marina Della Valle, Nilce M. Pereira e Telma Franco Diniz

Coordenação Editorial

Helena Rodrigues – MTb n. 28.840

Projeto gráfico

Marcos Eriverton Vieira

Diagramação

Haroldo Brito/Criatus Design

Capa

Acqua Estúdio Gráfico

Revisão

Os autores

Sumário

Nota do Editor	15
<i>Abhay K.</i>	
Introdução	19
<i>Dilip Loundo</i>	
100 Grandes Poemas da Índia	
À aurora	33
<i>Jayshankar Prasad</i>	
À aurora	34
<i>R. Parthasarathy</i>	
Acalme-se	35
<i>Anon</i>	
A dança de Shiva	36
<i>Hoshang Merchant</i>	
A descrição do prazer de Uma	37
<i>Kalidasa</i>	
A folha no galho	38
<i>Gulzar</i>	
A garça	39
<i>Nannakaiyar</i>	
A jovem mulher que vendia flores	40
<i>Parimal Hansda</i>	
Ambapali	41
<i>Vishwanath Prasad Tiwari</i>	
Amigo, este é o único caminho	42
<i>Sachal Sarmast</i>	

Ao fazer amor ela se aflige	43
<i>Gagan Gill</i>	
Amor marital	44
<i>Srinivas Rayaprol</i>	
A morte de um elefante desgarrado	45
<i>N.N.Kakkad</i>	
Amrutlal	46
<i>Udayan Thakker</i>	
A mostarda amarela	47
<i>Amir Khusrau</i>	
A porta.	48
<i>Anamika</i>	
Cada terra nossa casa	49
<i>Kaniyan Pankunran</i>	
Caminhos	50
<i>Salma</i>	
Canção da alma	51
<i>Abhay K.</i>	
Canção de amor	52
<i>Nirala</i>	
Canção do Avadhut	53
<i>Dattatreya</i>	
Champa.	54
<i>Katyayani</i>	
Como chegar ao templo do Tao	56
<i>K. Satchidanandan</i>	
Como domar um novo par de sandálias	58
<i>Gopal Honnalgere</i>	
Como ler um livro.	59
<i>Muddupalani</i>	

Congestionamento	60
<i>Nilim Kumar</i>	
Dedo de prosa	61
<i>Eunice de Souza</i>	
Dentro	62
<i>Basavanna</i>	
Descrição do ausente	63
<i>Kumwar Narayan</i>	
Digambara	64
<i>Anitha Thampi</i>	
Edifícios gigantes	65
<i>Munibur Rahman</i>	
Ele é um poeta	66
<i>Shankar Ramani</i>	
Ele prometeu que voltaria amanhã	67
<i>Vidyapati</i>	
Epitáfio	68
<i>Shakti Chattopadhyay</i>	
Epitáfio na minha lápide	69
<i>Manushya Puthiran</i>	
Eu dei à luz um filho	70
<i>Canção tribal por uma mãe Bhil</i>	
Fazer uma cadeira	71
<i>Dileep Jhaveri</i>	
Fique tranquilo, amigo	72
<i>Kabir</i>	
Fome e depois	73
<i>Nagarjun</i>	
Fotografia de meu avô	74
<i>Manglesh Dabral</i>	

Grades	75
<i>Keki N. Daruwalla</i>	
Formas	76
<i>Chokhamela</i>	
Gravura de um bisão na pedra	77
<i>Arvind Krishna Mehrotra</i>	
Horse play	78
<i>K. Ayyappa Paniker</i>	
Jogo	79
<i>Ashok Vajpeyi</i>	
Kabariwala	80
<i>Kavita A. Jindal</i>	
Kalli	81
<i>Ajmer Rode</i>	
Laminação	82
<i>Shefali Debbarma</i>	
Língua materna	83
<i>Kedarnath Singh</i>	
Louvor em abundância a terra do Dhat!	84
<i>Rangrelo Bithu</i>	
Madrugada no inverno	86
<i>Agyeya</i>	
Magadh	87
<i>Srikant Verma</i>	
Meu poema	88
<i>Surjit Patar</i>	
Momento	89
<i>Kaifi Azami</i>	
Não completamente escondidos	90
<i>Cātu verses</i>	

Não foi mulher que pariu eles	91
<i>Sanchiya Honnamma</i>	
Não se pode ser dono de alguém.	92
<i>Firaq Gorakhpuri</i>	
No dia em que ela partiu.	93
<i>Namdeo Dhasal</i>	
Nuvens das monções sejam minhas mensageiras	94
<i>Andal</i>	
O gosto de ferro	95
<i>Dhumil</i>	
O homem negro	96
<i>Ved Pal Deep</i>	
O mágico.	98
<i>Kamal Vora</i>	
O mar	99
<i>Sitanshu Yashaschandra</i>	
O mensageiro fala para Radha.	100
<i>Jayadeva</i>	
Ó meus amigos	101
<i>Mirabai</i>	
Onde a mente é livre de medo	102
<i>Rabindranath Tagore</i>	
O sakhi, a flauta toca no bosque.	103
<i>Salabega</i>	
O segredo	104
<i>Joseph Furtado</i>	
Ossos do tempo	105
<i>Jayanta Mahapatra</i>	
O tempo não passa	106
<i>Rajendra Bhandari</i>	

O tigre	107
<i>Kavarpentu</i>	
O unicórnio	108
<i>Suniti Namjoshi</i>	
Pai voltando para casa	109
<i>Dilip Chitre</i>	
Pataliputra	110
<i>Patumarattu Mocikiranar</i>	
Pessoas	111
<i>Tukaram</i>	
Pundarīka	112
<i>Kshemendra</i>	
Quando você chega	113
<i>Anupama Basumatary</i>	
Quatro haiku e um tanka	114
<i>K. Ramesh</i>	
Quem foi?	115
<i>Shahryar</i>	
Respiração	116
<i>Lal Ded</i>	
Sacola preta.	117
<i>Pavankumar Jain</i>	
Seios	119
<i>Kutti Revathi</i>	
Seleções de Amaruśataka	120
Seleções de Chauraspanchasika	121
<i>Bilhana</i>	
Seleções de Gathāsāptasati	122
Seleções de Vedas e Os Upanishadas	124
Gayatri Mantra	124
Pavamāna Mantra	124

Shanti Mantra	124
Vasudhaiva Kutumbakam	124
Seleção da <i>Saduktikarnāmrta</i>	125
<i>Śrīdharadāsa</i>	
Seleção de <i>Śārṅgadharapaddhati</i>	126
<i>Śārṅgadhara</i>	
Seleções de <i>Subhāṣitaratnaḥa</i>	127
<i>Sīlabhattarika</i>	
<i>Silhana</i>	
Seleção de <i>Subhāṣitāvalī</i>	128
<i>Vallabhadeva</i>	
Seleções de <i>Therīgatha</i>	129
<i>Mutta</i>	
<i>Sumangalmata</i>	
Sem meu corpo	130
<i>B.B. Agarwal</i>	
Sundori	132
<i>Kynpham Sing Nongkynrih</i>	
Tio Pedru	133
<i>Hemant Divate</i>	
Um poema.	136
<i>Mir Taqi Mir</i>	
Um poema nunca diz nada	137
<i>Uttaran Chaudhuri</i>	
Verão	138
<i>Jayavallabha's Vajjalagam</i>	
Você	139
<i>Mohammad Ismail</i>	
Você e eu	140
<i>Kuruntokai</i>	
Você teria sido um santo	141
<i>Ghalib</i>	

Entrevista com Abhay K.	143
Agradecimentos	152
Agradecimentos de Permissões	153
Poetas	159
Biografias dos tradutores para o português.	169

Esta homenagem nós oferecemos
aos grandes escritores de outrora;
nossa própria língua
nós também a adoramos:
parte imortal
da nossa alma.

Uttarāmacarita of Bhavabhūti 1.1

This homage we pay
to the great writers of yore;
our own language too
we adore:
an immortal part
of our soul.

Uttarāmacarita of Bhavabhūti 1.1

Nota do Editor

No dia 10 de dezembro de 1950, William Faulkner iniciou seu discurso de aceitação do Prêmio Nobel com as seguintes palavras “Eu sinto que este prêmio não foi feito para mim como um homem, mas para meu trabalho – o trabalho de uma vida na agonia e suor do espírito humano, não para glória e menos ainda para lucro...”

Assim como a arte transcende o artista, a poesia transcende o poeta. Faulkner mais tarde discorreu a respeito da importância da obra sobre o artista em uma entrevista ao *The Paris Review* in 1956. Ao se referir à futilidade do conflito a respeito da autoria dos trabalhos de Shakespeare, ele argumenta “o que é realmente importante é *Hamlet* e *Sonho de Uma Noite de Verão*, não quem os escreveu, mas o fato de que alguém o fez. O artista não tem importância. O que ele cria, isso é importante.”

Isto é o que eu tinha em mente quando eu comecei editar *100 Grandes Poemas da Índia* e seu volume companheiro *Outros 100 Grandes Poemas da Índia*. As antologias poéticas que eu experienciei têm uma ênfase clara nos poetas, engrandecidos em títulos como *Ten Twentieth Century Indian Poets*, *Twelve Modern Indian Poets*, *Nine Indian Women Poets or 60 Indian Poets*. *These My Words*, editado por Eunice de Souza e Melanie Silgado, que, de outra forma, poderia ser intimidante e inacessível para pessoas comuns, pode ser uma exceção. Estes trechos do poema ‘Conhecendo Poetas’ de Eunice de Souza dizem:

Eu fico desconcertado às vezes
pela cor das meias deles
a suspeita de uma peruca
na voz uma vespa

e, às vezes, um ar de desprezo.
Melhor é conhecê-los nos poemas:
agradáveis conchas esmaltadas
através das quais alguém escuta
um triste porém distante mar

Um leitor comum não precisa saber quais prêmios um poeta ganhou, quantos livros publicou ou de quais festivais participou; o charme e a força de um único poema é suficiente para tocar o leitor. A poesia sobrevive aos poetas por causa de seu valor atemporal e intrínseco. Isso posto, não entendo a obsessão dos antologistas de poesia indiana do século XX com poetas.

Durante minha infância em Bihar, eu era fascinado por *Rashmirathi* de Ramdhari Singh Dinkar. Quando eu estava na série quatro, eu me deparei em casa com a cópia gasta deste livro que era de meu pai. A mágica que senti no som e energia das palavras em *Rashmirathi* permanece comigo até hoje. Este épico Hindi conta a história de Karna, Krishna, Pandavas e Kauravas. Foi minha primeira lição tanto em literatura quanto em ciência política e diplomacia. Frequentemente leio o terceiro canto e o memorizo com o coração. Ainda o faço. Tentei, sem sucesso, traduzir esta obra para o inglês. A mágica das palavras nativas se perde na tradução; e, assim, versos de *Rashmirathi* não encontram seu lugar nas antologias de grandes poemas indianos. Por essa mesma razão da incapacidade de tradução da mágica das palavras, uma série de outros grandes poemas, não puderam se encaixar nessa antologia.

Editar *100 Grandes Poemas da Índia* tem sido um trabalho de amor para mim. Tenho lido praticamente todas as antologias de poesia que foram publicadas até agora, de diferentes idiomas e regiões geográficas da Índia. Esta antologia inclui poemas de 28 línguas indianas: Assamese, Bengali, Bhili, Dogri, Inglês, Gondi, Gujarati, Hindi, Kannada, Kashmiri, Khasi, Kokborok, Konkani, Maithili, Malayalam, Marathi, Nepali, Oriya, Persa, Punjabi, Rajasthani, Sânscrito, Santhali, Sindhi, Tamil, Telugu, Urdu e línguas Prakrit, incluindo Pali. O canvas desta coleção se esforça para cobrir mais

de 3000 anos de poesia indiana. Curiosamente, juntamente com muitos nomes bem conhecidos, alguns poetas cujos grandes poemas estão incluídos na antologia são praticamente desconhecidos mesmo em rodas de poesia. Poemas incluídos nesta antologia têm tons de todos os *rasas* (que se traduz grosso modo como sabores), incluindo erótico, cômico, heróico, de horror entre outras e cobre quase todas as tradições da poesia indiana, incluindo a poesia *bhakti*. As vozes distintas das comunidades tribais, dalit, feminista e LGBT também encontram espaço nesta coleção.

Meu propósito em editar *100 Grandes Poemas da Índia* é levar grandes poemas indianos para o mundo. Isso me foi confiado depois de ter trazido alguns dos melhores poemas do mundo para a Índia em *CAPITALS* em 2017. Esta edição em português, intitulada *100 Grandes Poemas da Índia*, é um passo nessa direção. É resultado de um trabalho em grupo de 14 dedicados tradutores de diferentes partes do Brasil. Esta publicação em parceria com o Departamento de Letras da Universidade de São Paulo, é um evento de grande importância literária pois traz pela primeira vez mais de 3000 anos de poesia indiana, escritas em 28 línguas indianas, para o mundo de língua lusófona.

O que torna um poema grande? Existe uma definição padrão para um grande poema? Eu tenho uma resposta simples para esta pergunta. O que me move é grande para mim. Pode ser uma pintura, uma música, uma fotografia, um poema ou qualquer coisa debaixo do sol. Não penso que exista ou possa existir uma definição universal de grandiosidade. Até mesmo Buddha, o iluminado, aconselhou seus seguidores a não acreditar no que ele dissesse sem antes verificar a veracidade eles próprios, a não seguirem seu caminho mas a acharem seu próprio caminho. Nesta mesma linha, sugiro que você, caro leitor, encontre seus próprios poemas. Faça suas próprias antologias.

Esta antologia se inicia com um antigo verso de Bhavabhuti, que, olhando acima de seu ombro, lembra as realizações de mestres do passado mas não sem homenagear a linguagem – o veículo do espírito poético pelo mundo. Que a poesia viva, e linguagens prosperem em nosso mundo problemático.

Os poemas desta coleção estão organizados em ordem alfabética de títulos ao invés das datas cronológicas de publicação, assim foi feito para enfatizar a natureza atemporal da grande poesia. Há uma série de poemas que não consegui incluir aqui por não conseguir as permissões. Alguns desses poemas são ‘Self Portrait’ de A.K. Ramanujan, ‘Station Dog’ de Arun Kolatkar, ‘Night of the Scorpion’ de Nissim Ezekiel, ‘Postcard from Kashmir’ de Agha Shahid Ali, ‘The Vaiyai Poems’ de Paripatal, ‘Indigo’ de Chitra Banerjee Divakaruni, ‘One chooses a language’ de Zulfikar Ghose, *Bhagavad Gita*’s Capítulo IX traduzido por Stephen Mitchell, ‘In the Cemetery’ de Karaikkal Ammaiyar, ‘Whatever wound a man inflicts on a woman’ de Vatsyayana, ‘Woman’ de Hira Bhansode, ‘The First Book’ de Amrita Pritam, entre outros.

Li e reli esses poemas, em épocas de alegria e tristeza; e enquanto eu os lia, entrava em estado de êxtase. Desejo também a você caro leitor, uma jornada inesquecível com esses *100 Grandes Poemas da Índia*.

Abhay K.

Traduzido por Carla Soares

Introdução

*Dilip Loundo*¹

É com grande satisfação que apresento ao leitor brasileiro a antologia *100 Grandes Poemas da Índia*, uma edição especial dos *Cadernos de Literatura em Tradução* da Universidade de São Paulo inteiramente dedicada à poesia indiana. A antologia *100 Grandes Poemas da Índia* constitui a versão em língua portuguesa de obra publicada originalmente em inglês sob o título *100 Great Indian Poems* (Bloomsbury India, 2018), organizada pelo poeta e diplomata indiano Abhay K., recipiente do SAARC Literary Award (Prêmio Literário da Associação Regional para Cooperação entre os Países da Ásia do Sul) por sua contribuição para a poesia do sul da Ásia. Trata-se, sem dúvida, de uma contribuição importantíssima para o diálogo cultural entre Brasil e Índia.

Em seu diário de viagem à Índia de 1953, a poeta brasileira Cecília Meireles afirma: “Por paradoxal que pareça, é mais fácil entender o Oriente (Índia) conhecendo-se o Brasil, cujos problemas são curiosamente semelhantes (luta pela afirmação de uma nacio-

1 Professor do Departamento de Ciência da Religião da UFJF e Coordenador do Núcleo de Estudos em Religiões e Filosofias da Índia do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da UFJF. Doutor em Filosofia Indiana pela Universidade de Mumbai, Pós-Doutor em Filosofia Indiana pela UFRJ, Mestre em Filosofia pela UFRJ, Mestre em Sânscrito pela Universidade de Mumbai e Bacharel em Ciências Sociais pela UFRJ. Foi Professor Visitante (Shivdasani Fellow) do Oxford Centre for Hindu Studies da Universidade de Oxford (Reino Unido) e ocupante da Cátedra do Itamaraty de Estudos Indo-Brasileiros (Leitorado) na Universidade de Goa (Índia).

nalidade, urgência de adaptação às circunstâncias internacionais, aproveitamento de riquezas, contratempos raciais, consolidação da economia, planos de educação), salvo no que se refere às respectivas idades, e à data da sua independência.”² Ao explorar o território potencial de diálogo que se insinua na intuição do poeta, vislumbramos uma situação fascinante. Brasil e Índia são sociedades complexas de enorme magnitude territorial e populacional e que se consagram, do ponto de vista histórico, como antípodas de nascimento: a Índia, uma das mais antigas civilizações da humanidade e o Brasil, uma das mais jovens. Ao mesmo tempo, apresentam uma característica comum notável: um conteúdo de unidade que articula, intrínseca e organicamente, uma diversidade cultural. Em outras palavras, são sociedades que apresentam dois desdobramentos fundamentais: (i) uma *dinâmica de inclusividade*, uma *permeabilidade cultural* que é, a um só tempo, matriz de constituição genética e matriz de interação histórica com agentes externos; (ii) uma *dinâmica do imaginário*, como estrutura essencial de articulação das diversidades culturais que confere plasticidade e profusão iconográfica. Isso fundamenta, de um lado, uma ambiência pós-colonial relativamente imune à racionalidade cartesiano-iluminista e, de outro, uma disposição natural para o diálogo intercultural, que emerge como espontaneidade eventiva que reforça e garante a continuidade e a sobrevivência civilizatórias.

É no âmbito da literatura, esfera privilegiada de constituição de sentido, que o potencial de diálogo Brasil-Índia alcança sua expressão mais exuberante. Embora manifestamente assistemático, esse diálogo registra eventos significativos, tanto no que tange à presença da literatura brasileira na Índia³ quanto, e em especial, no que tange à presença das fontes escritas e orais da literatura indiana

2 “Oriente-Occidente”. In *Crônicas de Viagem-2*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 40.

3 É o caso da antologia de literatura brasileira *Tropical Rhymes, Topical Reasons: An Anthology of Modern Brazilian Literature*, que tive a oportunidade de organizar e traduzir (New Delhi: National Book Trust, 2001) Poderia, ainda, mencionar as traduções, de minha autoria, da poesia de Cecília Meireles (em inglês) - *Travelling and Meditating: Poems Written in India and Other Poems* (New Delhi: Embassy of Brazil, 2003) -; e de Carlos Drummond de Andrade (em hindi e inglês) - *Carlos Drummond de Andrade: Selected Poems* (New Delhi: Embassy of Brazil, 2003).

no Brasil. Com relação a esta última, podemos identificar, inicialmente, um nível de presença subliminar e predominantemente oral, representado pela incorporação das narrativas fabulares indianas do *Pañcatantra* no folclore popular do nordeste brasileiro⁴. Um outro nível, de caráter mais supraliminar e escrito, é representado por um grupo difuso de autores brasileiros que, por vias as mais diversas e em regiões distintas do Brasil, entraram em contato com a literatura antiga dos Vedas, Upaniṣads, Vedānta, Yoga e sutras budistas, e com a literatura contemporânea de personalidades-chave como Mahatma Gandhi e Rabindranath Tagore. É o caso de Cruz e Souza, Augusto dos Anjos, Machado de Assis, Guimarães Rosa e os escritores modernistas associados ao grupo Festa, dentro os quais se destaca Cecília Meireles, cuja lírica filosófica que se constrói, fundamentalmente, à luz de uma parceria *sui generis* com as fontes espirituais indianas⁵.

É num contexto, portanto, de enriquecimento do diálogo ainda insipiente entre Brasil e Índia na esfera da literatura, que se situa a importância da publicação da presente antologia *100 Grandes Poemas da Índia*, organizada por Abhay K. Trata-se de uma oportunidade única para um encontro radical com as múltiplas facetas da alma civilizatória do subcontinente indiano e suas expressões cultural, social e religiosas.

Preparar uma antologia da poesia indiana contemporânea é uma tarefa complexa. A pluralidade cultural e linguística da Índia é tamanha que não permite alimentar quaisquer pretensões totalizantes em termos de “tendências hegemônicas” ou “narrativas representativas” de um suposto “caráter nacional”. A independência política de 1947 é o desdobramento moderno de um longo processo de coexistência de uma multiplicidade de culturas que se irmanam numa história e destino milenares. A estruturação da Índia enquanto República Federativa - composta de 29 estados e 7 territórios da

4 Ver Loundo, Dilip. “A Presença do *Pañcatantra* nos Contos Populares do Brasil”. In Loundo, Dilip & Michel Misse (orgs.). *Diálogos Tropicais. Brasil e Índia*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003, p. 159-178.

5 Ver Loundo, Dilip. “Cecília Meireles e a Índia: Viagem e Meditação Poética”. In Gouvêa, Leila. *Ensaio sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2007, p. 129-176.

união, e uma população de aproximadamente 1,2 bilhão de pessoas - atendeu, entre outros, à necessidade imperiosa de se assegurar a autonomia relativa dos múltiplos componentes de sua diversidade cultural e linguística. A Constituição Federal, seguindo critérios de número de falantes e relevância literária, e dentre um total que excede mais de uma centena, reconhece oficialmente 23 línguas oficiais, das quais o hindí – língua de maior número de falantes (cerca de 480 milhões) - e o inglês constituem as línguas oficiais do governo central e as demais as línguas oficiais dos governos regionais.

Nos *100 Grandes Poemas da Índia*, Abhay K. dá voz às mais diversas manifestações poéticas da Índia, ao longo de toda uma história milenar. A diversidade linguística e de representação regional impressiona: são 28 as línguas indianas representadas, que abarcam praticamente todos os estados do subcontinente indiano. A diversidade temporal é igualmente impressionante: a antologia cobre um período de aproximadamente 3000 anos, que vai dos registros mais antigos dos Vedas, em língua sânscrita, até os registros mais contemporâneos, em língua inglesa, passando por todo um espectro histórico que inclui amplas manifestações das mais diferentes correntes culturais e religiosas, aí se incluindo o hinduísmo, o islamismo, o budismo, o sikhismo, o jainismo e o cristianismo.

A poesia é, portanto, o espaço privilegiado do encontro literário a que nos convida a antologia *100 Grandes Poemas da Índia*. Em sua “Nota do Editor”, Abhay K. aponta para dois princípios fundamentais que orientaram seu processo de seleção e organização: (i) a primazia do poema sobre o poeta; (ii) e o compromisso do poema com a doutrina estética indiana da *rasa*. Os dois princípios enunciados estão eminentemente interligados e têm como premissa fundamental a ideia de que a poesia constitui um evento cognitivo, uma investigação crítica sobre a natureza das coisas e do sujeito. Mais especificamente, o contexto indiano tende a enfatizar a poesia como *locus* privilegiado de comunhão de todas as coisas, território insubstituível de uma experiência de conscientização da unidade e da universalidade dos entes, de sua harmonia e interdependência amorosas. Cecília Meireles ressalta esse compromisso fundamental com as seguintes palavras: “[na Índia] a Poesia não é um versejar

fútil; é uma iluminação interior, uma espécie de santidade e de profetismo. A palavra do Poeta não é uma habilidade superficial, um diletantismo – e sim um exemplo, uma revelação, um ensinamento através de sons e ritmos... Que alegria, respirar num país onde ainda se pensa desse modo! Que esperança de vida! Que renovação de fé na humanidade!”⁶

A sobredeterminação do poema deriva, portanto e fundamentalmente, de seu compromisso cognitivo. Em outras palavras, o que garante a excelência do poema não é a intencionalidade subjetiva do poeta, sua biografia ou confessionalidade, mas a realidade trans-subjetiva, universal, que constitui o sentido deŕstinal e ontológico do mesmo. Como afirma o poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto: “[trabalho artístico visa] desligar o poema de seu criador, dando-lhe uma vida objetiva independente, uma validade que para ser percebido dispensa qualquer referência posterior à pessoa de seu criador ou às circunstâncias de sua criação”.⁷ Na tradição védica, a verdade da discursividade poética do texto sagrado decorre, justamente, de seu caráter trans-individual (*apauruseya*), seja este humano ou divino. Como afirma J. N. Mohanty, a noção védica de *apauruseya* (literalmente, “não-autoria”) “quer dizer minimamente, na minha opinião, o seguinte: (...) a intenção do autor não é relevante para a compreensão do texto. O texto é fundante e autônomo”.⁸

Se o primeiro princípio afirma a primazia do poema, o segundo explicita a dimensão de cognoscibilidade ontológica que lhe é própria. Seu segredo está na doutrina de *rasa*, centrada na experiencialidade limite das emoções como teleologia da arte poética. *Rasa* é uma palavra de difícil tradução nas línguas ocidentais. Ela aponta, primariamente, para uma forma de “deguŕstação da essên-

6 “Um dia em Calcutá”. In *Crônicas de Viagem-2*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 266.

7 “Poesia e composição: a Inspiração e o Trabalho de Arte”. In Melo Neto, João Cabral. *Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 60.

8 “Dharma, Imperatives, and Tradition: Toward an Indian Theory of Moral Action”. In Bilimoria, Purushottamam; Joseph Prabhū & Renuka Sharma (orgs.). *Classical Traditions and Contemporary Challenges* (vol.1). Hampshire (UK): Ashgate Publishing Limited, 2007, p. 65.

cia”, um saborear, um deleite das emoções na sua essencialidade enquanto prazer puramente estético.⁹ Secundariamente, ela aponta para a produção artística que constitui a condição de possibilidade e a causa imediata dessa experiência. Assim, a noção de *rasa* possui dois componentes, um subjetivo e outro objetivo, a experiência do espectador/leitor e a experiência antecedente do poeta. A metáfora usada para definir *rasa* é o da sequência semente-árvore-fruto.¹⁰ A semente é a experiência estética do artista/poeta, a árvore é a performance/obra que encarna essa experiência originária, e o fruto é a experiência estética do espectador/leitor.

De acordo com os princípios de *rasa* enunciados no tratado sobre estética *Nāṭyaśāstra* de Bharatamuni (aproximadamente, séc. II a.c.), a condição humana é marcada por disposições emotivas derivadas de heranças kármicas que se atualizam, em presença dos estímulos do poema, em oito variantes da experiência estética que correspondem a outros tantos fatores emocionais predominantes: *śṅgāra* (erotismo, amor); *hāsya* (humor); *kāruṇya* (compaixão); *raudra* (fúria); *vīra* (heroísmo); *bhayānaka* (terror); *bībhatsa* (horror); *abdhuta* (maravilhamento). Isso implica que a experiência estética constituiu uma reversão atitudinal com relação à vivência cotidiana das emoções. No dia-a-dia da mundanidade, as disposições kármicas se atualizam na forma de emoções que circunscrevem, de forma interessada, os objetos de relação. Tratam-se de emoções marcadas pelos interesses egocentrados do sujeito que o impelem à ação de aquisição ou rejeição desses mesmos objetos. Conversamente, a experiência estética de *rasa* promove a despersonalização dos interesses subjetivos e permite um despontar das emoções libertas das imputações egocentradas e a conseqüente revelação dos objetos de relação na sua condição real, i.e., enquanto entes eternamente e ontologicamente implicados na existência do sujeito. Em outras palavras, a experiência estética de *rasa* constitui uma forma de pedago-

9 A definição presente no *Nāṭyaśāstra* é a seguinte: “*rasa* é tudo aquilo que envolve o deleite/degustação” (*rasyate [asvādyate] anena iti rasah*). (Bharatamuni. *Nāṭyaśāstra*. Delhi: Munshiram Manoharlal Publishers, 1996, VI.31-2).

10 Bharatamuni. *Nāṭyaśāstra*. Delhi: Munshiram Manoharlal Publishers, 1996, VI.38.

gia de controle das emoções e um exercício da pura contemplação dos entes, uma contemplação livre das distorções subjetivistas que dão origem às disparidades existenciais e comunitárias. Com ela se alcança a experiência do Belo/Sublime, enquanto participação na universalidade sempre-presente do Real, epílogo da senda denominada por Rabindranath Tagore de “religião do poeta”, uma “religião estética” onde homens, deuses e natureza comungam da mesma plataforma do Universal.¹¹

São abundantes as manifestações emblemáticas dos princípios acima enunciados nos poemas que compõem a antologia *100 Grande Poemas da Índia*, habilmente selecionados por Abhay K. Destaco, a seguir, alguns desses poemas, considerando sua representatividade no contexto de três grandes categorias temáticas: (i) temáticas filosófico-religiosas; (ii) temáticas relativas ao amor, humano e divino; (iii) e temáticas social e de gênero.

(i) Temáticas Filosófico-Religiosas. A despersonalização ou des-egocentramento do poeta como condição para o despontar da excelência cognitiva e universalizante do poema está bem retratada nas palavras de Shankar Ramani (konkani): “Ele é um poeta, sozinho e solitário. / (...) / Mas se e quando sua janela / se tornar um céu azul / os pássaros ao redor do horizonte / acenarão para que ele venha em luz etérea”. O sentido da linguagem como reunião ontológica da totalidade do Real ganha, nos versos de Kedarnath Singh (hindî), uma expressão eloquente. O poeta afirma: Ó, minha língua materna, / eu retorno para você, / quando minha língua / enrijece em minha boca / por permanecer em silêncio, / ferindo minha alma”. O princípio *vedântino* da unidade entre *ātman* (a subjetividade em geral) e *brahman* (a objetividade em geral) e da solidariedade correlata entre todos os entes, está expresso na visão que domina os textos sagrados dos Upaniṣads. São do *Mahā Upaniṣad* (sânscrito) as seguintes palavras: “Esse é meu, aquele é seu / as pessoas bitoladas pensam assim / Para os de coração nobre / O mundo inteiro é uma família. / *Vasudhaiva Kūṭumbakam*: o mundo inteiro é uma família”.

11 Tagore, Rabindranath. *Creative Unity*. Gutenberg EBook, 2007, p. 8. < www.gutenberg.net >

(ii) Temáticas Relativas ao Amor, Divino ou Humano. A disposição devocional de união com o divino personalizado, símbolo da totalidade do Real, é um tema recorrente das tradições sufis do islamismo e da tradição *bhakti* do hinduísmo, este último predominantemente associado a Krishna, *avatāra* de Vishnu. Da primeira tradição, vem-nos a poesia de Sachal Sarmaṣṭ (sindhi): “Amigo, este é o único caminho / para aprender o caminho secreto: / Ignore os trajetos dos outros, / mesmo as trilhas íngremes dos santos. / Não siga. / Nem viaje mesmo. / Rasgue o véu do seu rosto.” E da segunda tradição, vem-nos a voz apaixonada da poeta Mirabai (rajaṣṭhani): “Como uma abelha na prisão perpétua de sua doce flor, / Mira se oferece ao Senhor. / Diz: um só Lotus o engolirá por inteiro”. O amor erótico, tanto em sua mundanidade cotidiana quanto em sua dimensão de símbolo do amor divino, é tema recorrente. No clássico de Jayadeva (sânscrito) *Gītāgovinda*, o amor de Krishna por Rādhā é descrito com tons de extrema sensualidade: “Fixo em meditação, / insone / ele entoa uma sequência de mantras. / Ele tem um desejo cálido – / de sugar *amrita* / dos teus seios à mostra.”. Gagan Gill (hindi), por outro lado, fiel à poesia do amor profundo, mostra o enlace amoroso como uma jornada entre o prazer e o sofrimento, a vida e a morte: “Ao fazer amor ela se aflige / Em sua aflição, ela faz amor. / (...) / Sempre quando tem medo / ela o aperta junto a si / E sempre ele escapa de seus braços / ao fazer amor, / em sua aflição”.

(iii) Temáticas Sociais e de Gênero. Ressaltam, nesta categoria, poesias de grande sensibilidade para com o sofrimento humano decorrente de injustiças sociais, sejam estas uma herança antiga ou moderna, pré-colonial, colonial ou pós-colonial. A sensibilidade para a marginalidade e a desigualdade sociais – marcas da Índia moderna -, é tema recorrente do poeta e ativista social Dhumil (hindi). Sua poesia pungente, onde o bridão e as esporas são símbolos da opressão social, age como um soco no estômago dos acomodados: “Não pergunte ao ferreiro / o gosto do ferro, / Pergunta ao cavalo com freio na boca”. O escritor *dalit* Chokhamela (marathi) retrata, de outro lado, a resiliência humana em condições de exploração siste-

mática de grupos discriminados como é o caso dos “intocáveis”. Diz ele: “O arco é curvado / não a flecha. / O rio se dobra / mas não sua água. / Chokha está torcido / não a fê dele”. A sensibilidade para o universo feminino, suas agruras e desafios frente às amarras patriarcais, é destaque na poesia de Kutti Revathi (tâmil) com seu hino aos seios da mulher: “Em tempos de penitência / eles lutam e se retesam; / e no impulso e na atração da luxúria / feito a orgulhosa ascensão da música / permanecem eretos.” Não faltam, finalmente, vozes de um nacionalismo aberto, de mentes despertas e tolerantes, como é o caso do poeta laureado Rabindranath Tagore (bengali): “Onde a mente é impelida por ti / rumo ao pensamento e à ação cada vez mais amplos / Nesse paraíso de liberdade, Pai, permita que meu país desperte.”.

Como já mencionado, a antologia *100 Grande Poemas da Índia* constitui uma versão em língua portuguesa de edição, originalmente publicada em inglês, intitulada *100 Great Indian Poems*. É importante notar que os textos dos poemas da edição em língua inglesa foram, em sua integralidade, traduzidos diretamente dos respectivos originais - as 28 línguas citadas - por especialistas em cada uma dessas línguas. O próprio Abhay K., além de organizador e autor de um dos poemas, é também responsável por algumas das traduções inglesas dos originais em sânscrito, páli e hindi. Com isso, como sustenta Abhay K. na “Entrevista” inclusa em anexo, usar as “traduções em inglês para traduzi-las para o português e outras línguas parece natural para mim”, ainda que “uma situação ideal seria aquela em que a versão traduzida não é removida duas vezes do original. Por isso, gostaria de encorajar os brasileiros a aprender línguas indianas.” O trabalho de tradução em língua portuguesa coube a um grupo seletivo de 14 tradutores brasileiros com experiência acadêmica, sensibilidade poética e interesse pela civilização indiana

Em síntese, a presente antologia *100 Grande Poemas da Índia* constitui uma contribuição preciosa para os amantes da poesia e para os estudiosos da Índia e do oriente em geral. Irmana-se, de

forma ampliada, nos esforços pioneiros de divulgação da literatura indiana no Brasil, que já conta, entre outras, com a publicação de uma antologia da *Poesia Hindi Contemporânea*, que teve a oportunidade de organizar e traduzir¹².

É, finalmente, uma circunstância afortunada que, na personalidade de Abhay K., se fundem dois dos requisitos fundamentais para o sucesso desta iniciativa: de um lado, sua condição de poeta renomado, entusiasta da literatura mundial, e organizador e autor da antologia *100 Grande Poemas da Índia* e, de outro, sua condição de diplomata, a quem compete, sobremaneira, divulgar a cultura e a literatura da Índia e, no contexto específico de sua missão em Brasília, de promover o diálogo intelectual entre Índia e Brasil. E é o próprio poema de Abhay K., originalmente escrito em inglês, que dá testemunho da ampla margem de diálogo que a antologia *100 Grande Poemas da Índia* contempla embrionariamente. O poema “Canção da Alma”, em sua exaltação de interdependência dos entes e da consciência enquanto *locus* dessa unidade, guarda profundas afinidades com o poema de Cecília Meireles “4º Motivo da Rosa”. Reproduzo, abaixo, para a apreciação o leitor e como sugestão de diálogo, os dois poemas:

12 *Poesia Hindi Contemporânea*. Edição especial da revista *Poesia Sempre*, organizada e traduzida por Dilip Loundo. (N. 34, Ano 17, 2010). Registro, ainda, a publicação de uma pequena antologia do poeta indiano contemporâneo Manglesh Dabral, intitulada “Sete Poemas de Manglesh Dabral” (*Revista Brasileira* [ABL], Fase VIII, Abril-Junho 2014, Ano III, N. 79)

Canção da Alma

(*Abhay K.*)

Sempre estive aqui
como vento que sopra
ou folhas que caem
como sol brilhante
ou riachos correntes
como pássaros gorgearantes
ou botões florescentes
como céu azul
ou espaço vazio
eu nunca nasci
eu não morri.

4º Motivo da Rosa ¹³

(*Cecília Meireles*)

Não te aflijas com a pétala que voa:
também é ser, deixar de ser assim.
Rosas verá, só de cinzas franzida,
mortas, intactas pelo teu jardim.
Eu deixo aroma até nos meus espinhos
ao longe, o vento vai falando de mim.
E por perder-me é que vão me lem-
brando,
por desfolhar-me é que não tenho fim.

13 In *Mar Absoluto e Outros Poemas*. Meireles, Cecília. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p.319.



ESPECIAL ÍNDIA

100 Grandes Poemas da Índia

À aurora

Jayshankar Prasad

Acorda pois a noite é finda.
No poço do céu a aurora
afunda sua nau de estrelas
ao som das aves em sua canção matinal.
As folhas novas
são um véu, a balançar.
Quão suaves ao longo da vide são os brotos da Primavera.

Acorda pois a noite é finda.
Teus lábios mantêm a vida numa serenidade;
teu cabelo captura o vento sul,
Ah, tu dormes com a intensa canção noturna em teus olhos.
Acorda. A noite é finda.

Traduzido por Luci Collin

À aurora

R. Parthasarathy

Você acorda e em silêncio desliza pra fora do quarto
fechando a porta atrás de você. Olhos cerrados,
agarro seu travesseiro na esperança de absorver
o menor vestígio do secreto perfume do seu corpo.

Nunca antes eu lhe segurei tão perto
quanto lhe seguro agora na sua ausência,
mas você abraça o jornal da manhã contra o peito
na cozinha e o lê acompanhado de uma xícara de chá.

Traduzido por Luci Collin

Acalme-se

Anon

Ocupo-me agora com a minha preciosa flauta de bambu,
meus delicados dedos em seus orifícios.
Querida, não posso lhe acariciar agora,
pois ando brincando com esta flauta melodiosa.
Acalme-se, coma uma pimenta!
Eu não posso apertar você agora
Ocupo-me agora com a minha preciosa flautinha de bambu,
meus delicados dedos em seus orifícios.

Traduzido por Gisele Giandoni Wolkoff

A dança de Shiva

Hoshang Merchant

Ao pé de minha cama, Shiva dança
sua perna esquerda por cima de sua cabeça
seu cabelo, fogo, fio sagrado, tornozelo no ar

Na minha cama
ele e eu nos tornamos um pilar
Curvando-nos à oração

Difícil separar deus e suplicante
confluenciamos-nos um no outro
enquanto isso Deus faz a sua própria dança

Tornando o pobre, rico
O velho, jovem de novo
A noite, dia
A nuvem, chuva

Traduzido por Gisele Giandoni Wolkoff

A descrição do prazer de Uma

Kalidasa

Shiva ensinou-lhe a fazer amor
na cama dos dois; Parvati ofereceu-se
para ele, cheia da graça de uma jovem mulher,
como um presente que se dá ao guru

Tremeu de dor quando seu lábio
inferior mordido foi solto lentamente
Parvati respirou fundo o ar fresco
saído da lua crescente do cabelo de Shiva

Ao beijar-lhe os longos cabelos
pó veio a cair no terceiro olho de Shiva
Parvati soprou-o com seu hálito perfumado
fragrante como o odor da flor de lótus

Então o senhor das feras cuja montaria é Nandi –
o Touro, agradando Kama, Deus do Amor
por mergulhar nos prazeres dos sentidos
viveu com Uma no palácio do Rei da Montanha.

Traduzido por Vitor Alevato do Amaral

A folha no galho

Gulzar

Pousada em um galho;
Abaixo as águas de um lago,
E nelas o reflexo do céu;
Com medo de afogar-se
Mas...
Nem nadou, nem se afogou, nem voou para longe
Acomodou-se no galho e secou...
Uma solitária folha em um galho!

Traduzido por Vitor Alevato do Amaral

A garça

Nannakaiyar

Ele disse: “Estou partindo, indo embora.”
E eu sabia que mais uma vez
ele estava brincando comigo.
“Some daqui,” eu gritei na cara dele.
“E não me queira voltar.”

Mas onde está ele, meu senhor?
Pois só ele pode me confortar.
Lágrimas enchem o espaço entre meus seios,
já uma vasta lagoa onde garças brancas
de pernas negras espreitam suas presas.

Traduzido por Vitor Alevato do Amaral

A jovem mulher que vendia flores

Parimal Hansda

Aquela jovem que, em pé na estrada,
vendia flores hoje
Ela mesma floresceu em
belíssima flor

A fim de sugar o néctar do seu corpo
Como os zangões, à sua volta, zumbe o enxame
de rapagões
Agora, o endereço dela é
o oculto beco no mercado
onde, para matar a fome,
em bazar, o corpo ela metamorfoseou

Aquela jovem, quando, no terminal do ônibus, ela fica
ou, na rua, passa no meio da multidão
logo que a veem, aqueles rapagões
desviam o olhar e se camuflam
atrás dos saris de suas amadas

Essa jovem é uma de tantas jovens
Mas agora não depende de nada e de ninguém
Essa jovem eleva as mãos aos céus
como se soubesse que tocaria e seguraria
estrelas moventes, brilhantes e cintilantes, planetas, constelações

Traduzido por Roberto Medina

Ambapali

Vishwanath Prasad Tiwari

Esse denso e frondoso mangueiral
perfumado com o reflorescer
não é real - não durará Ambapali
Foi o que dissera Tathagata.
Essas folhas, verdes como penas de periquitos
cairão,
os galhos desfolhados murcharão;
As aves já não se sentirão atraídas para cá –
Dissera Tathagata.
Ambapali mira o espelho
e indaga sobre seus lindos olhos, luminosos como gemas –
Ela indaga sobre os seus delicados cachos, negros como enxames
Ela indaga sobre os suas sobranceiras arqueadas,
Ela indaga sobre o seu corpo cheiroso e enfeitado
Ela indaga os vibrantes desejos em seus lábios,
Ela indaga as brasas brilhantes de seu ser –
Indaga Ambapali –
Será que tais palavras do veraz Tathagata não podem
ser o contrário?

Traduzido por Luci Collin

Amigo, este é o único caminho

Sachal Sarmast

Amigo, este é o único caminho
para aprender o caminho secreto:

Ignore os trajetos dos outros,
mesmo as trilhas íngremes dos santos.

Não siga.
Nem viaje mesmo.

Rasgue o véu do seu rosto.

Traduzido por Virna Teixeira

Ao fazer amor ela se aflige

Gagan Gill

Ao fazer amor ela se aflige
Em sua aflição, ela faz amor

Ao fazer amor, ela lhe dá um nome
A quem ela dá, o nome é ilusão.
Maya, cujo desejo caminha durante o sono

Ela sabe, ao final
qualquer nome pelo qual ela o chame
cada nome será apenas um espaço vazio.

Fazendo amor, ela pensa que
estará livre de seu esquecimento
em seu desejo, em seu egoísmo
Ela não se lembra que
quem ela deseja
é apenas um punhado de ossos.
Ossos que saem do crematório
em apenas cinco minutos.

Fazendo amor, ela respira
a carne dele, a medula, a alma

Em algum lugar por aqui estava a alma dele
Ela irá encontrá-la
neste punhado de ossos?

Sempre quando tem medo
ela o aperta junto a si
E sempre ele escapa de seus braços.

ao fazer amor.
em sua aflição.

Traduzido por Ana Paula Arendt

Amor marital

Srinivas Rayaprol

Toda noite
Sou recebido no portão por minha mulher
com seu cabelo despenteado e o vestido amassado
da cozinha
e as meninas se penduram nas abas do portão
enquanto meu carro velho desliza para dentro.
Uma carrega minha maleta, a outra,
minha cesta do almoço.
O dia de trabalho acabou e estou em casa.
Esqueci delas por todo o dia e agora
de repente me lembro que devo
desapontá-las de novo
pois essa noite tenho planos
para uma excursão sem sentido pelos bares.
E o café que minha mulher serve
está frio em minha boca
e as histórias que as crianças trazem da escola
aborrecem meus ouvidos.
Apesar do amor que tenho por elas,
Vou desapontá-las novamente esta noite.

Traduzido por Divanize Carbonieri

A morte de um elefante desgarrado

N.N.Kakkad

Desde quando a última trombeta do elefante desgarrado
foi ouvida pelos alicerces
das casas inacabadas, ele disse a si mesmo:

A floresta é longe ou perto?
O breu e a solidão da floresta densa
maculam a noite
mas, espalhada por toda a parte
está a metrópole inacabada, dispersa.

As ruas estão vazias,
E infinitamente largas, infinitamente longas
Ziguezagueando sempre
Apenas os alicerces das casas
uma fileira se estende ao infinito
N'algum lugar a lembrança do mar

A última trombeta do elefante desgarrado
atingida por uma bala
que vagarosamente desaparece no silêncio
O negrume do crepúsculo
suga a tristeza seca
com o sangue do céu ao longo da noite.

Eu sozinho...
Eu sozinho caminho
sem saber o porquê
lado a lado às inacabadas paredes dessas casas.

Traduzido por Gisele Giandoni Wolkoff

Amrutlal

Udayan Thakker

Com tinta verde, por vezes vermelha
Amrutlal poria no papel seus poemas
com zelo raro, numa bela escrita
no diário encapado em couro
Por vezes tinha esse terrível pesadelo
de ter morrido da peste
de após sua morte seus poemas
nunca serem publicados
nem mesmo achados
Mas Amrutlal viveu uma vida longa
(Era meu amigo)
No percurso da vida ele viu
à luz virem seus “Poemas Reunidos”
E ele os viu caducar
e morrer.

AMRUTLAL: Aquele que é imortal

Traduzido por Wellington Müller Bujokas

A mostarda amarela

Amir Khusrau

A mostarda amarela viceja em todos os campos,
Botões de manga começam a abrir, outras flores também;
O *koyal* gorjeia de um galho ao outro,
E a donzela se maquia,
As jardineiras-moçoilas portam ramalhetes floridos.
Flores policromadas, de todos os tipos,
em mãos, todas trazem;
Mas o Aashiq-rung, que jurou vir,
na primavera, à casa de Nizamuddin,
não apareceu – há anos e anos.

A mostarda amarela viceja em todos os campos.

ASHIQ-RUNG: Amante

KOYAL: Cuco

Traduzido por Roberto Medina

A porta

Anamika

Eu era uma porta
Quanto mais me batiam
mais eu me abria
Eles entraram e viram
um enorme giro cósmico
Quando a moagem para, a fiação começa
Quando a fiação para, a costura começa
Uma coisa ou outra, o dia todo, sem parar

E por fim minha vassoura tudo varre
varre as estrelas no céu
montanhas, árvores, pedras
todos os cacos e sobras da criação
e os põe em um cesto
guarda-os em algum lugar
bem lá dentro
em algum canto da mente.

Traduzido por Vitor Alevato do Amaral

Cada terra nossa casa

Kaniyan Pankunran

Cada terra é nossa casa, e cada homem é um de nós.
O bem e o mal não fluem dos outros.
Dor e analgesia aparecem por si.
Mesmo a morte não é nova. Nós não regojizamos
que a vida é doce, nem somos devastados pelo luto.
Como uma jangada rodopiando nas águas de um rio profundo
que ruge e colide sobre as pedras
numa tempestade sob céus contundidos por raios,
nossa vida, cara como é, toma seu curso.
Homens sábios, que preveem tudo, sabem disto.
Assim nós não levantamos em reverência aos grandes,
muito menos seguramos os pequenos em desprezo.

Traduzido por Virna Teixeira

Caminhos

Salma

Sobre o armário
contra as paredes do quarto
no giro das pás do ventilador
bate um morcego,
cai, espalha-se.

Mas pássaros, há mil milhas distantes
voam pelo céu azul
e pelo aglomerado de montanhas
e nunca, até hoje,
perderam seu caminho.

Traduzido por Francesca Cricelli

Canção da alma

Abhay K.

Sempre estive aqui
como vento que sopra
ou folhas que caem
como sol brilhante
ou riachos correntes
como pássaros gorgeantes
ou botões florescentes
como céu azul
ou espaço vazio
eu nunca nasci
eu não morri.

Traduzido por Luci Collin

Canção de amor

Nirala

Sou filho de um brâmane
Mas me apaixonei
por essa garota.

A filha de um oleiro
Contratada para buscar água,
Ela chega toda manhã ao raiar do dia.
É ela que quero.

Negra como um koel,
Sem curvas no corpo,
Com idade para se casar
Ainda sem ser casada
Mas foi o que bastou,
E um suspiro me escapou.

Sua batida forte na porta
Acorda a casa toda.
Ninguém mais sabe o que se passa.
Ela pega o pote de água,
Esse bem grande, e vai para fora,
Meus olhos a seguem,
Não perco a esperança.

22 de fevereiro, 1939

KOEL: É uma palavra em hindi que designa uma espécie de cuco de penas negras comum na Índia

Traduzido por Divanize Carbonieri

Canção do Avadhut

Dattatreya

Verdadeiramente, é pela graça de Deus
que o conhecimento da Unidade surge dentro.
Então um homem é finalmente liberado
do grande medo da vida e da morte.

Tudo o que existe neste mundo de formas
não é senão o VerdadeiroSer e só o Verdadeiro Ser.
Como então vai o Infinito se adorar?
Shiva é um Todo indiviso!

Os cinco elementos sutis que se juntam para compor esse mundo
são tão ilusórios quão a água numa miragem do deserto;
A quem, então, devo inclinar a cabeça?
Eu, eu mesmo, sou o Sem-manchas!

Verdadeiramente, todo esse universo é apenas meu Verdadeiro Ser;
Não é nem dividido nem indiviso.
Como posso afirmar que existe?
Só posso vê-lo com admiração e medo!

O que, então, é o coração da verdade mais alta,
O núcleo do conhecimento, a sabedoria suprema?
É: "Eu sou o VerdadeiroSer, o Sem-forma;
Por minha própria natureza, estou permeando tudo".

Esse único Deus que brilha em tudo,
que é sem forma como o céu sem nuvens,
é o puro, sem manchas, o Verdadeiro Ser de todos.
Sem dúvida, é quem que eu sou.

Eu sou o Infinito e Imutável;
Eu sou pura Consciência, sem qualquer forma.
Eu não sei como, ou para quem,
alegria e tristeza aparecem neste mundo.

Traduzido por John Milton e Fabiana Naka

Champa

Katyayani

Champa cresceu
entre sete irmãos

Ela era flexível
como uma vara de bambu
serpenteado ela perturbava
o sono de seu pai
como uma sombra negra
dos sonhos dele
Champa cresceu
entre sete irmãos.

Champa foi triturada
no arrozal
e jogada fora
com casca como lixo.
Uma trepadeira parasita
cresceu naquele lugar.
Champa cresceu
entre sete arbustos espinhosos.
E voltou para casa mais uma vez.

Champa, que cresceu
entre sete irmãos, foi encontrada
pendurada no teto da casa
Ela foi enterrada numa teia
de jacintos d'água
um lótus azul apareceu lá

Champa voltou para casa mais uma vez
para ser oferecida aos deuses
quando murchou
ela foi esmagada e queimada.

suas cinzas foram espalhadas
em todo vilarejo
Choveu pesadamente na noite
No dia seguinte
fora de cada casa
entre as selvagens ervas daninhas *nagphani*
sozinha e sem medo
Champa foi vista sorrindo.

NAGPHANI: Cacto

Traduzido por Joana Juliana Mascarenhas

Como chegar ao templo do Tao

K. Satchidanandan

Não tranque a porta.
Caminhe leve como a folha na brisa
ao longo do vale do amanhecer.
Se você é muito bom,
cubra-se com cinzas.
Se é muito esperto, vá sonolento.
O que for mais rápido
Cansará mais rápido:
seja lento, lento como a permanência.

Seja sem forma como a água.
Deite embaixo, não tente sequer levantar.
Não dê voltas na deidade;
O nada não tem direções,
Nem frente, nem ré.
Não chame pelo nome,
seu nome não tem nome.
Nenhuma oferta: potes vazios
são mais fáceis de carregar do que os cheios.
Nenhuma prece tampouco: desejos
não têm lugar aqui.

Fale silenciosamente, se precisar falar:
como a pedra fala às árvores
e as folhas às flores.
O silêncio é a mais doce das vozes
e o Nada tem
a cor mais bela de todas.
Não deixe ninguém ver você chegar,
nem ninguém ver você sair.
Cruze o enrugado limítrofe
como se cruza um rio no inverno.
Você tem um momento aqui
como derrete a neve.

Nenhum orgulho: você sequer se formou.
Nenhuma ira: nem mesmo a poeira
está sob o seu comando.
Nenhum remorso: ele não altera nada.
Renuncie à grandeza;
não existe outra forma de ser grande.
Nem mesmo use suas mãos:
elas estão contemplando
não o amor, mas violência.
Deixe o peixe ficar na água
e a fruta, no seu galho.
O macio sobreviverá ao duro,
como a língua sobrevive aos dentes.
Só aquele que não faz nada
pode fazer tudo.

Vá, o ídolo não criado
lhe espera.

Traduzido por Ana Paula Arendt

Como domar um novo par de sandálias

Gopal Honnalgere

não as mantenha juntas
não deixe que falem uma com a outra
elas podem formar uma união aduaneira

não as deixe em nenhum momento
perto de um relógio de parede, livros de Direito, calendário,
bandeira nacional
retrato de Gandhi ou jornal
elas podem descobrir sobre
o dia da independência, satyagraha,
feriados, horas de trabalho, salários mínimos e corrupção

não as leve ao seu templo
elas podem descobrir de uma vez por todas que você é fraco
que seu deus é falso e começar a lhe morder

não as leve em momento algum à sua mesa de jantar
elas podem pedir comida
ou jogar mau olhado em seu banquete suntuoso
primeiro as utilize apenas em curtos passeios
então paulatinamente aumente a distância
elas jamais devem suspeitar a quantidade de trabalho que têm de fazer

libere as suas alças apertadas confortavelmente
deixe-as se sentir felizes
e aumentar de tamanho
espalhe um pouco de óleo velho em suas alças desgastadas
deixe-as se sentirem mimadas

agora elas são belas trabalhadoras subjugadas
prontas para trabalhar muitas horas extras
para o seu pé gordo

SATYAGRAHA: Exortação pela verdade

Traduzido por Ana Paula Arendt

Como ler um livro

Muddupalani

Quando você está lendo, e topa com um espinho,
arranque-o. Use o seu conhecimento
para curar o livro. Não se imiscua com poetas
que vivem de encontrar culpas.
Eles são más notícias.

Traduzido por Ana Paula Arendt

Congestionamento

Nilim Kumar

Quando de carro saio de casa
de repente eu esqueço
aonde estava indo
Quando fico preso
na pressa dos congestionamentos
Então me dá nervoso
e me recordo
aonde eu estava indo

Muita gente me diz:
“Eu vi você outro dia
no congestionamento”

Sim!
Quem foi que me viu no congestionamento?
Preciso num novo congestionamento entrar
para lembrar.

Traduzido por Wellington Müller Bujokas

Dedo de prosa

Eunice de Souza

A minha colega criada na lusofonia
escolheu um *shivalingam* de argila
um dia e disse:

Isso é um cinzeiro?

Não, disse o vendedor.

Esse é o nosso deus.

SHIVALINGAM: Phallus do Deus Shiva, cultuado entre os hindus

Traduzido por Gisele Giandoni Wolkoff

Dentro

Basavanna

Diga-me, qual a vantagem
se um papagaio lê em voz alta
mas não escuta o gato se aproximando
ou se um olho consegue ver o mundo
sem saber que está vesgo?
Eles dizem que conhecem o mundo e todos os seus pecados
E deixam, oh Senhor, de olhar para dentro!

Traduzido por Cláudia Santana Martins

Descrição do ausente

Kunwar Narayan

De pele parda, modos grosseiros,
em sua testa, uma cicatriz de ferida,
altura não inferior a um metro e meio,
conversa como se nunca tivesse conhecido luto.

Balbuca.

A sua idade? Algo superior a muitos milhares de anos, diz ele
Parece ser um tanto maluco – mas não o é.
Já se espatifou algumas vezes e se quebrou todo

Assim, quando visto, aparenta estar todo recomposto
como o mapa da Índia.

Traduzido por Gisele Giandoni Wolkoff

Digambara

Anitha Thampi

Uma corda isolada
Eu a estico bem
Sobre a terra infinita

para além do horizonte.
Entregando-lhe em mãos
Este arco do céu
amarrado bem apertado,
erguendo-o
feito o tempo
tocando a vida
tomada de sonhos,
com medo,
com amor intenso,
ele segura o arco
mirando o infinito
e dispara noite adentro
milhões de estrelas.

DIGAMBARA: Alguém cujas vestes são o céu. É também uma seita do jainismo.

Traduzido por Gisele Giandoni Wolkoff

Edifícios gigantes

Munibur Rahman

Nossa vida inteira
engatinhamos na sombra
de edifícios gigantes,
pendurados nas paredes.

Edifícios eram picos imensos
e nós éramos formigas
sempre buscando comida.

Arranha-céus dominaram o caminho
quando amigos se reuniam.

Estes edifícios ficaram mais altos
enquanto nós diminuímos.

Finalmente, um dia, desaparecemos,
e nada ficou para trás
exceto edifícios gigantes.

Traduzido por Virna Teixeira

Ele é um poeta

Shankar Ramani

Ele é um poeta, sozinho e solitário.
Por detrás da janela de sua casa em ruínas
ele observa o céu, dia e noite.
Ele é completamente doido
Não o chame para perto
Nem fale com ele;
Nem mesmo olhe para ele;
Nunca se sabe
quando ele pode atirar
no seu corpo
uma cesta de seixos.
Mas se e quando sua janela
se tornar um céu azul
os pássaros ao redor do horizonte
acenarão para que ele venha em luz etérea.

Traduzido por Ana Paula Arendt

Ele prometeu que voltaria amanhã

Vidyapati

Ele prometeu que voltaria amanhã.
E eu escrevi em todo o andar de meu prédio:
"Amanhã."

A manhã abriu, quando todos me perguntaram:
Agora, diga, quando chegará o seu "Amanhã"?
Amanhã, Amanhã, onde está você?
Eu chorei e chorei, mas meu Amanhã nunca retornou!

Vidyapati disse: Ó querida, escute!
Seu Amanhã tornou-se um hoje
com outras mulheres.

Traduzido por Ana Paula Arendt

Epitáfio

Shakti Chattopadhyay

Ele não largou nenhum dos prazeres do mundo;
Ele era um poeta e um pedinte.

Regozijem! disseram seus editores. O camarada está morto.
Pelo menos agora ele não vai aparecer no escritório para ameaçar,
Vestido para a noite, exigindo seus direitos autorais:
O dinheiro, seu porco, ou vou estripar o lugar.

E então ele foi colocado na pira — poeta, encenqueiro, pobre.

Traduzido por Vírna Teixeira

Epitáfio na minha lápide

Manushya Puthiran

Não há
ninguém aqui.
Você pode ir.

Traduzido por Virna Teixeira

Eu dei à luz um filho

Canção tribal por uma mãe Bhil

Caro e doce pardal, entregue esta mensagem para mim:
Diga a meu pai que eu dei à luz um filho
Diga a minha mãe que eu dei à luz um filho
Peça a meu pai que me dê um sari novo
Peça a minha mãe uma blusa de muitas cores
Diga a meu irmão que tenho um filho
Peça a ele também um sari novo para mim
Diga a meu tio que dei à luz um filho
Peça que ele me traga uma blusa de muitas cores.

SARI: Roupa usada por mulheres indianas

Traduzido por Ana Paula Arendt

Fazer uma cadeira

Dileep Jhaveri

Fazer uma cadeira é uma coisa natural
e muito fácil

Você pode esperar pelo outono
quando todas as folhas caem
ou pode extraí-las uma a uma
como um corvo bicando a carne de um roedor
Derrube a árvore como um elefante arrasando florestas
e remova os galhos como um lobo rasgando tendões
Despedace-a como um crocodilo faz com ossos
Fure-a como um pica-pau
Prender estacas em cruzeiros e martelar pregos é uma antiga arte
Deixe a superfície lisa com a massa fornecida pelo serralho
Obtenha tintas dos ancestrais das árvores
enterrados por bilhões de anos, reemergindo em poços de petróleo
Resinas das cascas retiradas do tronco proporcionarão o brilho

Então se sente na cadeira na varanda
e contemple as lâminas verdes da grama brotando no chão
de uma rachadura no asfalto
Pacientemente esperando por uma floresta

Traduzido por Divanize Carbonieri

Fique tranquilo, amigo.

Kabir

Fique tranquilo, amigo
O grande rebuliço é sobre o quê?

Uma vez morto,
O corpo que foi enchido
com quilos de doces
É levado para ser queimado,
E a cabeça na qual
Um turbante brilhante é amarrado
É arrastada na poeira por corvos.
Um homem com uma vara
Vai cutucar as cinzas frias
Pelos seus ossos.

Mas estou perdendo o meu tempo,
Diz Kabir.
Nem o punhal da morte
Pronto para quebrar a sua cabeça
Não o faz acordar.

Traduzido por Gisele Giandoni Wolkoff

Fome e depois

Nagarjun

Por dias e dias a lareira ficou fria, o moedor quieto
Por dias e dias a cadela de um olho dormiu por perto
Por dias e dias lagartos andaram na parede
Por dias e dias os ratos também estavam miseráveis

Grãos vieram para a casa após muitos dias
A fumaça subiu sobre o pátio após muitos dias
Os olhos da família brilharam após muitos dias
O corvo coçou suas penas após muitos dias.

Traduzido por Virna Teixeira

Fotografia de meu avô

Manglesh Dabral

Meu avô não gostava de ser fotografado
ou talvez não tivesse tempo
há apenas um retrato dele
pendurado em uma parede velha e descolorida
Ele aparece sério e arrumado
como uma nuvem carregada de água
Tudo que sabemos de nosso Avô é que
ele dava esmolas aos pedintes
tossia incessantemente durante o seu sono
e arrumava bem sua cama todas as manhãs.
Eu era apenas um moleque então
e nunca o percebi com raiva ou
sua ordinariedade
As fotos nunca mostram o seu lado fraco
Minha Mãe costumava nos dizer
que quando adormecíamos cercados
das estranhas criaturas da noite
Vovô estaria acordado dentro de seu retrato
Eu não fiquei tão alto quanto Vovô
nem tão arrumado, ou tão sério
Mas algo em mim me lembra dele
Uma raiva como a sua
uma ordinariedade
Eu também caminho de cabeça baixa
e todos os dias me vejo
acomodado em um vazio
porta-retrato.

Traduzido por Ana Paula Arendt

Grades

Keki N. Daruwalla

Se você quer
uma jaula, meu bem
não precisa
viajar para longe.
Se você deseja se sentir
encurralado, estará encurralado.
Procure cicatrizes
Você ficará cheio de cicatrizes.
Até a luz pode tornar-se
uma jaula.
A jaula da luz
tem sete grades.

Traduzido por Luci Collin

Formas

Chokhamela

A cana está torta
mas não seu caldo.
O arco é curvado
não a flecha.
O rio se dobra
mas não sua água.
Chokha está torcido
não a fé dele.
Por que você é atraído
à forma de uma coisa.

Traduzido por John Milton e Fabiana Naka

Gravura de um bisão na pedra

Arvind Krishna Mehrotra

A terra resiste
Porque não pode ser
Tentada, ou partida
Numa câmara. Ela registra,
Ao embaralhar cuidadosamente as folhas,
A passagem de cada tempestade, chuva,
E seca. A terra sucumbe
Em lugares, deliberadamente,
Tendo aprendido da guerra dos exércitos
Que alimentou. A terra é uma só
Peça e não esqueceu
Milagres antigos: a gravura de um bisão
Na pedra, por exemplo. A terra
Surge como um visitante
Inesperado e dá refúgio, ela não pode ser
Trancada ou jogada fora. A terra
Não pode assinar seu nome, não pode morrer
Porque não pode ser enterrada,
Ela entende a linguagem,
Ela fala em dialeto.

Traduzido por Vírna Teixeira

Horse play

K. Ayyappa Paniker

Quatro cavalos galantes
galopavam adiante.
Um era branco, outro era negro,
um era vermelho, outro era marrom.
Um tinha quatro pernas,
o outro tinha três,
o terceiro cavalo tinha duas
e o quarto tinha apenas uma.
O cavalo de uma perna só
disse aos outros:
o tempo de dançar chegou
caros amigos,
vamos dançar num casco só.
Todos eles se submeteram
e a dança começou.
O cavalo de quatro pernas desmaiou em instantes,
o de três pernas escorregou e caiu,
o de duas pernas mancou e se espatifou
somente o cavalo de uma perna só
dançou mesmo.

Traduzido por Ana Paula Arendt

Jogo

Ashok Vajpeyi

Espraio a cama verde da terra
Puxo o véu azul do céu
Coloco o sol e a lua em dois travesseiros
Removo o vestido da grama
Contigo, entrego-me ao jogo.

Traduzido por Francesca Cricelli

Kabariwala

Kavita A. Jindal

Estrada Upper Ridge, Délhi, 1975

À porta de nosso apartamento, no segundo andar, põe-se de cócoras,
pega os pratos da balança, pesa as pilhas de jornal,
fala mais que de hábito enquanto põe os pesos de um quilo e meio quilo;
deixa minha mãe desconfiada sua empolgação.

Ela insiste que ele pese de novo os papéis; regateam
quanto ao preço que ele vai pagar por sete quilos; quantos centavos
pra cada garrafa de vidro marrom, quanto pra cada lata;
e é só quando estende algumas rúpias que diz

Mês que vem meu primo ou meu tio vem recolher
ao invés de mim; tô indo embora.
Indo pra onde, a gente indaga; indo mundo afora, diz.
Tô indo pra onde há amor livre

Onde você pode estar com quem quer que queira sempre
que quiser, provável que pra Inglaterra, é aonde estou indo.
Vai ser um kabariwala lá, pergunto.
Acho que não, responde, guardando a balança.

Sobre seus ombros moços ergue os sacos de papel, garrafas
e panelas descartadas, informando que lá fora
não se reaproveitam coisas antigas.
Ele desce escada abaixo assobiando.

KABARIWALA: Comprador de sucata

Traduzido por Wellington Müller Bujokas

Kalli

Ajmer Rode

Kalli me seguiu por 8 milhas
até o mercado onde comercializam gado
ou os vendem como escravos.
Vacas, bodes, bois, camelos...

Kalli tinha cor negra, beleza e seis anos
idade do apogeu de uma búfala d'água.
Ela estava seca. Repelia touros como se ela estivesse
decidida a não engravidar novamente.

Difícil de sustentar, meu pai decidiu
vendê-la. Kalli pareceu compreender.
Ela obedeceu enquanto eu a conduzia
pela corrente de aço, uma das pontas em minha mão

a outra ao redor do seu pescoço.
Eu tinha quinze anos. A agonia dela terminou
Assim que entramos no mercado
onde os vendedores ocupavam

seus espaços reservados como anúncios de bodas
em uma imensa página semanal de classificados.
Kalli se sentou com nenhuma emoção em seu rosto
como uma asceta próxima do nirvana.

Eu fiquei de pé, rondando como um
bezerro negligenciado. Ninguém comprou Kalli.
Ela me seguiu por 8 milhas de volta para casa
sem nenhuma dúvida em seus olhos.

Eu não tenho certeza se meu pai ficou triste
ou feliz ao ver Kalli de volta. Ele apenas
olhou para ela como um membro da família
que havia perdido o trem.

Traduzido por Ana Paula Arendt

Laminação

Shefali Debbarma

A certidão da Tribo Registrada
foi emitida sob o selo e a assinatura
do Diretor da Sub-Divisão
no ano em que nasci.
Para que o papel não se estragasse
minha mãe o guardava
nas dobras de suas vestimentas favoritas
dentro do cesto de cana
Hoje, depois de cem anos,
suas vestimentas favoritas estão desgastadas,
transformadas em farrapos
e as formigas devoraram o cesto de cana.
Só a certidão da Tribo Registrada ainda rebrilha
laminada e emoldurada.

*TRIBO REGISTRADA: Vários grupos designados oficialmente formado por
pessoas historicamente desfavorecidas na Índia*

Traduzido por Divanize Carbonieri

Língua materna

Kedarnath Singh

Enquanto as formigas retornam para
seus ninhos,
o pica-pau
retorna para a floresta,
e os aviões retornam para o aeroporto
uns atrás dos outros,
esticando suas asas no céu vermelho,

Ó, minha língua materna,
eu retorno para você,
quando minha língua
enrijece em minha boca
por permanecer em silêncio,
ferindo minha alma.

Traduzido por Divanize Carbonieri

Louvor em abundância a terra do Dhat!

Rangrelo Bithu

Os pequenos morros são pedregulhos, avermelhados e vazios,
sem árvores a não ser cactos, espinhosos.

Nunca escuta o grito do pavão na terra inteira.

Hienas, porco-espinhos e camaleões varões
são as únicas criaturas que se encontrariam.

O povo está faminto;

a fome empurra-os para os campos

em busca de grama espinhosa

cujas sementes eu os vi comer.

Como os Jadavs do Jaisalmer.

A rainha superior dirige seus asnos

para uma lagoa distante em busca d'água;

sozinha, ela deve ir,

e esforçando com suas próprias mãos

a água

para limpar a superfície

de lixo flutuante e de escombros,

encher suas vasilhas;

e carregar-os nas molduras de madeira nas costas do asno

e os levar para casa,

arrastando-se todo caminho,

cansada e exausta.

O trovador principal do rei é pançuda;

veste as roupas inferiores

de uma maneira solta e sem elegância;

ele é manco das duas pernas;

e andando geme com cada passo.

O tapete para a assembleia da corte de Rawal
está desgastado, com buracos grandes;
seus poetas são todos estúpidos
e não sabem distinguir entre um búfalo e um elefante;
para eles a lã grosseira e a seda são iguais.
É essa a terra do Dhat!
Louvores à terra do Dhat!

As mulheres elegantes vão todas
procurar e trazer água na madrugada;
voltam depois da meia-noite todas
despenteadas e distraídas;
seus filhos são despenteados e sentem sua falta o dia todo.
É assim mesmo, a terra do Dhat!
Louvores à terra do Dhat!

DHAT: Expressão de surpresa, frustração ou consternação

Traduzido por Joana Juliana Mascarenhas

Madrugada no inverno

Agyeya

Tão somente luz suficiente

para a escuridão se mostrar.

Tão somente chuva suficiente

para o silêncio soar.

Tão somente dor suficiente para me lembrar

de que esqueci

Esqueci...

Traduzido por Gisele Giandoni Wolkoff

Magadh

Srikant Verma

Para que lado fica a cidade de Magadh?
Ouça, homem em seu cavalo,
De Magadh eu vim
E para Magadh
Devo voltar.

Para que lado devo ir?
Para o norte do sul?
Ou para o leste do oeste?
Mas veja, ali está Magadh!
E agora não mais!

Foi apenas ontem
Que eu deixei Magadh para trás,
Foi apenas ontem
Que o povo de Magadh disse
Não deixe Magadh
Dei a eles minha palavra.
De que antes do nascer do Sol
Estaria de volta.

E agora não há mais Magadh.

Não estão procurando por Magadh também?
Irmãos
Esta não é a Magadh.
Sobre a qual vocês leram nos livros
Esta é a Magadh que vocês
Como eu
Perderam para sempre.

MAGADH: Antigo reino indiano no sul de Bihar, onde tiveram origens os grandes impérios Maurya e Gupta e onde o budismo e o jainismo se desenvolveram

Traduzido por Divanize Carbonieri

Meu poema

Surjit Patar

Minha mãe não entendeu o meu poema
mesmo sendo escrito em minha língua materna
Ela só pensou que alguma tristeza
atormentava a alma de seu filho.

E se perguntou
de onde essa tristeza tinha vindo
quando ela estivera ali o tempo todo
guardando a alma de seu filho

Ela varreu meu poema com cuidado
e exclamou para si mesma:
"Vejam, amigos, vejam!"
Ao invés de contar à mãe,
que lhe deu à luz de dentro de seu ventre,
o filho prefere contar seu sofrimento ao papel

Então, ela levou o papel ao peito,
esperando talvez
que dessa forma pudesse
alcançar seu filho tristonho.

Traduzido por Divanize Carbonieri

Momento

Kaifi Azami

Vida é o nome dado a poucos momentos e
Num desses fugazes instantes
Dois olhos se encontram eloquentes
Procurando por uma xícara de chá e
Entram no coração avidamente
E dizem:
Não fale hoje
Ficarei em silêncio também
Vamos apenas nos sentar
Dando-nos as mãos
Unidos pelo dom da tristeza
Ligados pela agitação das emoções.
Quem sabe se neste momento
Em algum lugar na distante montanha
A neve por fim irá começar a descongelar.

Traduzido por Divanize Carbonieri

Não completamente escondidos

Cātu verses

Não completamente escondidos
como os seios enormes daquelas mulheres de Gujarat,
nem à vista,
como os seios das mulheres tamil,
ao contrário,
maleáveis, como os seios quase encobertos
de uma garota de telugu,
nem ocultos nem expostos:
assim deveria ser composto um poema.
Qualquer outra coisa
é uma piada.

Traduzido por Francesca Cricelli

Não foi mulher que pariu eles

Sanchiya Honnamma

Não foi mulher que pariu eles
Não foi mulher que criou eles
Por que então sempre botam culpa na mulher,
Esses mongos, esses tapados.

No útero eles são o mesmo
Quando estão crescendo são o mesmo
Depois a moça vai tomar, com amor, o que é dado
O garoto, sua parte, vai tomar na marra.

Por dinheiro, por confiança
e amizade
Não dê a garota prum defunto andante
carente de virtude, de vigor e porte.

Não diga, “Nós somos pobres, de onde
a gente vai joias arranjar?”
Em vez de gastar em si mesmos
provejam suas filhas com vestes e enfeites.

Traduzido por Wellington Müller Bujokas

Não se pode ser dono de alguém

Firaq Gorakhpuri

Ninguém jamais pertenceu a outra pessoa por toda a vida
Não se pode ser dono de alguém
A beleza que você vê com seus olhos e o amor que sente
são apenas ilusões da mente
A vida toda tentei escapar
Do fulgor dos seus olhos
Mas falhei, e a adaga
Me atravessou até o osso.

Traduzido por Cláudia Santana Martins

No dia em que ela partiu

Namdeo Dhasal

No dia em que ela partiu,
pintei meu rosto de preto.
Esbofetei o selvagem vento esquizofrênico no meio da cara.
Catei pequenos cacos da minha vida
e pus-me nu na frente do espelho rachado.
Permiti-me vingar-me de mim mesmo.
Encarei o Sol com condescendência e disse:
“Que sujeito mais estranho!”
Gritei os piores xingamentos a todos os artistas que pintam sonhos;
Andei do Leste na direção do Oeste;
Catei pedras que encontrei no caminho e atirei-as contra mim mesmo,
Quão revoltosa corre essa água em seu acesso de riso
por montanhas e desfiladeiros.
Que oceano anseia por encontrar?
Ou vai infiltrar-se
pelo solo ao nível do mar?
Mesmo eu pertencia a mim?
Nem mesmo pude abraçar seu corpo morto
e chorar copiosamente.
No dia em que ela partiu,
pintei meu rosto de preto.

Traduzido por Vitor Alevato do Amaral

Nuvens das monções sejam minhas mensageiras

Andal

Nuvens das monções, vocês se espalham e espalham
a cobrir a terra, sua correnteza cortando
O céu, vocês sacodem as flores cheias de mel
da montanha Vengadam e desfolham as pétalas perfumadas.
Vão dizer ao senhor das trevas que matou o demônio Hiranya
rasgando-o com garras de fúria
que ele roubou os meus braceletes.
Ele deve me devolvê-los agora.

Nuvens girando, vocês aumentam de raiva
e rosnam pelo céu, rasgando-o

com relâmpagos. Derramando mel, vocês dilaceram
as flores, as pétalas respingam como sangue na terra.

Vão ao feroz senhor que ruga e mata
balançando sua juba enquanto suas garras abrem entranhas.

Digam a ele que estou ferido. Ele deve me curar
com longas carícias, ainda que seja seu cativo.

Crispado de raiva
unhas esticadas, ele mata
pulsos mergulhados em sangue

é dessas mãos que busco
carinhos
colher em meu inchado amadurecer

ao transbordar néctar
a flor do sangue do meu corpo
se rompe.

Traduzido por Divanize Carbonieri

O gosto de ferro

Dhumil

Vê como as palavras
estão tramadas no poema
Olhe
Lê o homem emaranhado entre as letras.
Ouves isso?
É o estrondo do ferro ou
o sangue esparramado no chão?
Não pergunte ao ferreiro
o gosto do ferro,
Pergunta ao cavalo com freio na boca.

Traduzido por Roberto Medina

O homem negro

Ved Pal Deep

Quando tomo a caneta e o papel
para reunir as ideias da mente,
a figura de um homem negro
aparece-me diante dos olhos.
Seu sangue é vermelho –

O sangue de toda a humanidade.
Suas madeixas espessas, grossas e eriçadas são
como uma densa floresta entrelaçada.
Seus músculos são fortes como árvores.
Seus dentes brancos produzem
trovões e relâmpagos;
Basta vê-los
e a glória da civilização branca desmorona.
Quando tomo a caneta para escrever um verso
ela se torna uma arma
que um negro do Congo
carrega no ombro,
em algum lugar da profunda mata escura,
escondido por uma árvore,
para disparar contra o exército belga.
Quando gravo uma palavra
à tinta
no papel,
ela se torna
um fulguroso diamante;
Seus brutos minérios
mãos negras recolhem da terra profunda
sob duras planícies e rochas,
para ornar as coroas
em terras estrangeiras.
Quando mexo os lábios
para entoar canções,

sinto
tribos e mais tribos,
incontáveis famílias de gente,
como leões,
partirem,
romperem as correntes
de trás das cercas farpadas do
zoológico,
erguido por seus senhores estrangeiros.

Traduzido por Vitor Alevato do Amaral

O mágico

Kamal Vora

O mágico
puxou um coelho da cartola
e uma pombinha do casaco.
Uma laranja surgiu em sua mão esquerda
com o anel perdido dentro escondido ali.

Sussurrando algo com olhos fechados
sacudindo a varinha mágica,
oferecia ele de seu punho fechado
o que quer pedido fosse.
Com o toque de seus dedos,
as coisas juntavam-se
em um todo
Uma em muitas
Duas em muitas
Várias em uma.
O que era visível há um só segundo
sumia.

Depois, o conjurador continuou com o riso.

Da plateia
um garoto ergueu a voz,
“Seo mago,
estou com medo da sua mágica!
E se você me transformar numa borboleta
que se vá batendo asas?”

O mágico só seguiu dando risada.
Então, abrindo os braços como asas,
ele voou
reto através dos olhos do garoto.

Traduzido por Wellington Müller Bujokas

O mar

Sitanshu Yashaschandra

Eu já havia visto o oceano
antes que deuses e demônios o tornassem simples.

Eu já havia visto água na luz
do fogo nas profundezas polares.
Fogo e umidade são um só.
Queimar e molhar são um só e o mesmo.

Quando emergi do mar
minhas mãos não seguravam pérolas.
Eu não sou mergulhador.
Eu sou poeta.
O que quer que esteja lá, estará em meus olhos.

Traduzido por Beatriz Santos

O mensageiro fala para Radha

Jayadeva

Krishna tarda
na brenha
onde juntos vós dominastes os segredos
do amor.
Fixo em meditação,
insone
ele entoa uma sequência de mantras.
Ele tem um desejo cálido –
de sugar *amrita*
dos teus seios à mostra.

Suspiros, breves arfadas repetidas –
ele à volta olha desamparado.
A brenha deserta.
Nela se mete de novo, o ar
ao pulmão num rasgo.
Ele reconstrói o leito dos ramos florais azuis.
Afasta um passo e o estuda.
Radha, dileta Radha!
Teu amante rodopia em círculo,
imagem atrás de
febril imagem.

Ela adorna os membros
se uma só folha se agita
na floresta.
Ela pensa que és tu, dobra
a roupa de cama e fita
em êxtase por horas.
Seu coração concebe uma centena
de jogos de amor na cama bem feita.
Mas sem tu
esse doce de moça
vai murchar
a nada à noite...

Traduzido por Wellington Müller Bijokas

Ó meus amigos

Mirabai

Ó meus amigos,
O que podem me dizer sobre o Amor,
Cujo caminho está repleto de estranhezas?
Quando ofereces ao Grande Um o teu amor,
No primeiro passo teu corpo é esmagado.
Próximo, esteja pronto a oferecer tua cabeça como seu assento.
Esteja pronto a orbitar sua lâmpada feito mariposa entregue à luz,
Viver dentro do cervo que corre ao chamado do caçador,
No perdiz que engole brasas por amor à lua,
No peixe que, pescado do mar, morre feliz.
Como uma abelha na prisão perpétua de sua doce flor,
Mira se oferece ao Senhor.
Diz: um só Lotus o engolirá por inteiro.

Traduzido por Francesca Cricelli

Onde a mente é livre de medo

Rabindranath Tagore

Onde a mente é livre de medo e a cabeça se mantém erguida
Onde o conhecimento é livre
Onde o mundo não foi retalhado em fragmentos
por estreitas paredes domésticas
Onde as palavras emergem das profundezas da verdade
Onde o esforço incansável estende os braços em direção à perfeição
Onde o claro rio da razão não perdeu o rumo
nas tristes areias desertas dos hábitos estagnados;
Onde a mente é impelida por ti
rumo ao pensamento e à ação cada vez mais amplos
Nesse paraíso de liberdade, Pai, permita que meu país desperte.

Traduzido por Cláudia Santana Martins

O sakhi, a flauta toca no bosque

Salabega

Ó amigo, me diga
quem toca a flauta
no bosque?
As árvores nuas florescem
ao som da sua flauta.
O ar permanece imóvel.
Pedras viram água.
O Yamuna corre a montante
os peixes buscam a costa.
Assim como leve tocam os sinos,
livrando-nos do pudor,
já não há tempo para se vestir.
Estranho! O Rishi perde sua pose
e sucumbe ao amor.
O cervo persegue o tigre.
Diz Salabega: sou muçulmano de nascença
Mas meu coração jaz
aos pés de Radhakrishna.

Traduzido por Francesca Cricelli

O segredo

Joseph Furtado

Todo ano floresces, tamarindo
e beija-flores o procuram como antigamente;
Todo ano alegres crianças, tamarindo,
vêm brincar ao seu redor como antigamente;
E, veja, todas as horas do dia
todos esses anos estive esperando, tamarindo –
Silêncio! Silêncio de uma vez, eu rogo;
Tudo estava tão fadado, tamarindo.
O orgulho o consome, eles dizem, tamarindo,
E pena eles não tinham, tamarindo;
Você o segredo agora guarda, tamarindo,
Guarde-o até que todos os segredos sejam revelados,
E eu vou dormir agora, tamarindo,
até os trompetes já não soarem mais.

Traduzido por Beatriz Santos

Oso do tempo

Jayanta Mahapatra

É por isso que sempre se relembra:
a noite de outono lutando com a respiração,
os vaga-lumes pulsando e recuando
para revelar os dentes caídos da floresta:
e a lua, a quem devemos
as tempestades de luz por entre as sombras,
buscando refúgio
em uma estreita janela de nossa vigília.

A última vez em que lhe vi, disse a mim mesmo:
eu não veria nada, nunca mais,
e as estrelas do entardecer que caem na terra
não poderiam diminuir a distância entre nós.
Sua janela parece tão cálida daqui,
e o vento se afasta sem ruído algum
através do rio sem consolo: oso do tempo
que faz cada um compreender
como a noite é noite; e por meio disto
entrar no reino onde Orion torna-se
calma e certa, nem escuridão nem luz.

Traduzido por Luci Collin

O tempo não passa

Rajendra Bhandari

Baje já não deu mais conta de descer para o campo
Ano passado, com cajado, podia alcançar o quintal
Faz pouco ele só conseguia até a varanda
Após três dias de reclusão, Baje se foi.
Boju se foi
Então começou a ir-se minha mãe
De início ela foi do quintal para a varanda
Na varanda se tornou um espantalho para os grãos
secando no jardim
A luz se foi dos olhos dela,
das suas pernas, a força de se manter
ao passo que seus desejos se iam,
ela se foi por si.
Um dia, uma selvagem coisinha flertou comigo
Mas, como um lago plácido, eu me represei ao seu lado
A juventude estava indo de mim
No outono ocre, no campo
o arrozal se ia em palheiro
o grão se foi e tornou-se adubo
O planeta mesmo se vai todo dia
A atmosfera se vai no buraco de ozônio
Com o ir-se da muda, e da planta
o ir-se da flor e das folhas secas
o ir-se da folha e do broto
o ir-se do botão e da flor
com essas idas
o venerável lótus foi-se da face da terra
Mas não se foi o tempo
O tempo nem está lá
O tempo iria, se de fato existisse.

BAJE: Vovó

BOJU: Vovó

Traduzido por Wellington Müller Bujokas

O tigre

Kavarpentu

“Onde está teu filho?” Interrogas,
apoiando-te na bela coluna de meu lar.
De fato, ignoro onde se encontra.
Este útero outrora o entristecia é agora caverna desolada
um tigre certa vez rondou.
Anda, busca por ele no campo de batalha.

Traduzido por Roberto Medina

O unicórnio

Suniti Namjoshi

Eu galopava o indômito unicórnio,
na luz esverdeada das árvores,
na luz obscura da noite,
extraviadas folhas e espinho prateado,
apaixonado e tempo impetuoso.
Amor, vais cavalgar comigo?
Mas meu amor ficou para trás,
muito aquém de mim.
E montei o indômito unicórnio
extraviado amor e tempo impetuoso.

Traduzido por Roberto Medina

Pai voltando para casa

Dilip Chitre

Meu pai viaja no trem tarde da noite
de pé entre passageiros silenciosos
Subúrbios deslizam por seus olhos cegos
Sua camisa e calças estão ensopados e seu casaco preto
manchado de lodo e sua bolsa repleta de livros
está caindo aos pedaços. Seus olhos fracos pela idade
evanescem rumo à casa pela noite úmida da monção
Agora o vejo saindo do trem
Como uma palavra caída de uma frase longa
Ele se apressa pela longa plataforma cinza,
cruza a linha do trem, entra no beco,
Suas sandálias estão lamacentas mas ele se apressa adiante
Em casa de novo, eu o vejo bebendo o chá aguado,
comendo um *chapati* velho, lendo um livro.
Ele vai ao banheiro para contemplar
O afastamento do homem de um mundo feito pelo homem
Saindo ele estremece na pia,
a água fria escorrendo pelas suas mãos pardas,
umas poucas gotas se agarram aos pelos cinzentos nos seus pulsos
Seus filhos amuados com frequência se recusaram a compartilhar
piadas e segredos com ele. Ele agora irá para a cama
ouvindo o som do estático no rádio, sonhando
com seus ancestrais e netos, pensando
em nômades adentrando um subcontinente por uma passagem
estreita.

CHAPATI: Pão indiano

Traduzido por Vírna Teixeira

Pataliputra

Patumarattu Mocikiranar

Diga-me, tu mesmo o viste,
ou o ouviste dito por outrem
que de fato o havia visto?
Só quero ter certeza.
Que toda Pataliputra, imersa no ouro,
onde os elefantes de presas brancas se banham
no Rio Sona, seja tua!
Diga-me novamente, de que boca
ouviste pela primeira vez da vinda do meu amado?

PATALIPUTRA: Hoje em dia chamada de Patna em Bihar, foi a lendária capital dos impérios Mauryan (321-185 aC) e Gupta (320-550 dC). Fundada em 490 aC por Ajatashatru, rei de Magadha, localiza-se na confluência dos rios Ganga e Son

Traduzido por Francesca Cricelli

Pessoas

Tukaram

A decepção me devorava
então comecei a chamar meu cão de 'Deus'.
Ele achou que fosse um pouco tolo
de início,
e então começou a rir, e até
dançou um pouco de jiga.
'Aqui, Deus!' - ele não morde
mais. Agora,
me pergunto será
que isto poderia funcionar
com pessoas?

Traduzido por Francesca Cricelli

Pundarīka

Kshemendra

Quando ouviu as notícias sobre sua morte
ficou sem reação.

Então soltou um choro sentido

tão alto de quebrar as rochas das montanhas,
perfurando sua própria vida, deixando-o inconsciente.

O Pundarīka!

Até hoje, há tanto tempo, quando o cervo se lembra
derrama da boca a grama.

PUNDARĪKA: Figura mitológica lendária do hinduísmo descrita no Skanda Purana como um ascético e devoto do Deus Vishnu

Traduzido por Francesca Cricelli

Quando você chega

Anupama Basumatary

Sempre que você chega
Eu permaneço enraizada, imóvel,
árvore estática
escultura muda.

A hora de encontrar você
é brilhante como o dia
verde como a grama.

No entanto, certa como a morte
é a nossa separação.

Traduzido por Cláudia Santana Martins

Quatro haiku e um tanka

K. Ramesh

cão enfeitado...
olhando na face de
cada pedestre

a falta de luz...
fechando a leitura
ouço a chuva

tráfego para
folhinhas amarelas
cruzando a rua

vila na serra
um cão de rua vira
o nosso guia

tarde de verão –
uma menina saindo
da casa onde
os passarinhos piam
dentro da gaiola

Traduzido por Virna Teixeira

Quem foi?

Shahryar

Quem foi, quem foi
Que rompeu o encanto da cidade do sonho
Que retiniu em cada corda de minha alma
Que me abandonou nos braços do vazio

Não foi o céu impiedoso
Nem foi aquela a quem confiei minhas dores
Não foi o meu pobre, frágil corpo
Então quem foi?

Traduzido por Cláudia Santana Martins

Respiração

Lal Ded

Prendi minha respiração nos fundos da garganta:
uma luz lampejava por dentro, mostrando-me quem eu era de verdade.
Atravessei a escuridão agarrando-me fortemente a esta luz,
espalhando as suas sementes de luz a minha volta, por onde andei.

Traduzido por Gisele Giandoni Wolkoff

Sacola preta

Pavankumar Jain

Tenho um desejo
De pôr fim à minha vida,
Mas não hoje,
Não há nada de especial
Em relação a hoje.

Além disso,
Tenho duas garrafas para limpar,
Um corte de cabelo por fazer,
As cataratas a serem operadas,
Plantas a regar
(Estão florindo no momento),
Uma irmã mais nova para cuidar.
E não parei de sonhar com o estranho
Que me deixará seus milhões.

Por enquanto, vou colocar
A conversa sobre morte
Na minha sacola de compras preta e rota
Cheia de furos
E pendurá-la num prego
Na parede.

Para ser honesto,
Eu gostaria de me tornar um sadhu.
Mas serão anos até que eu possa trazer
Algum tipo de ordem ao caos
que me rodeia.
E tem também a coisa estranha
De se mover por aí só de tanga,
Pedindo esmolas.
Isso é um dos problemas.
Então, tem as mães

que quererão assustar seus filhinhos
Ao apontarem para nós:
Olha lá um sadhu.
Ele veio te pegar.
não é fácil se acostumar a tudo isso.

Melhor que eu guarde isso também
Na minha sacola de compras preta e rota
Cheio de furos
E a pendure num prego
Na parede.

Traduzido por Luci Collin

Seios

Kutti Revathi

Seios

são borbulhas, vindas de pântanos.

Conforme incharam levemente e desabrocharam
na época certa, na borda do Tempo,
zelei-os em admiração.

Sempre se guardando só a mim,
eles estão comigo sempre
cantando
a muita tristeza
o amor
o êxtase.

Nunca se esqueceram
de transbordar entusiasmo ao solo fértil
de todas as minhas mudanças de estações.

Em tempos de penitência
eles lutam e se retesam;
e no impulso e na atração da luxúria
feito a orgulhosa ascensão da música
permanecem eretos.

Do aperto de um abraço
destilam amor; do choque
de um nascimento,
leite, fluindo do sangue.

Feito duas lágrimas
que não podem ser enxugadas
quando o amor é frustrado,
eles preenchem tudo, e transbordam.

Traduzido por Gisele Giandoni Wolkoff

Seleções de *Amaruśataka*

O papagaio da casa ouviu
as palavras de carinho dos amantes
durante toda a noite,
quando o sol surgiu
ele abriu o bico;
membros da família
ouviram todas as sílabas.
Quando ela ouviu suas próprias palavras doces
a mulher colocou um brinco de rubi
em frente ao pássaro, esperando que ele pensasse que fosse
uma romã repleta de sementes
Morde-a e cale o bico (16)

A corrente de amor partiu,
nossa amizade se foi,
respeito mútuo e carinho
murcharam
ele é apenas outro cara
passeando pela rua.

Mas meus olhos seguem-no, doce amigo
Não posso deixar de admirá-lo
dia após dia:
quão estranho é
que meu coração
não rachou. (43)

Traduzido por John Milton e Fabiana Naka

Seleções de *Chauraspanchasika*

Bilhana

Mesmo agora
o lenhador e o pescador voltam para casa,
Em seu machado a lua e em sua rede gotejante
o luar amarelo pescado. A chama púrpura do fogo
chama-os a amar e a dormir. Da cidade quente
o criador de músicas escassas para o ganha pão vagueia
para mentir sob as flores do clematites com sua garota.
A lua brilha sobre seus seios e devo morrer...

Mesmo agora
Me importa que amei ciprestes e rosas, querida,
as grandes montanhas azuis e as pequenas colinas cinzentas,
o som do mar. Um dia
vi olhos estranhos e mãos como borboletas;
Para mim, na manhã, as cotovias voaram do tomilho
e as crianças vieram se banhar em pequenos riachos...

Mesmo agora
Me importa o tempo da queda dos botões de flores
iniciou meu sonho para uma vida selvagem, para minha amada;
Então a essência de sua beleza foi derramada
nos meus dias para que não se desvaneça,
não falhe, sutil e fresco, para perfumar
aquele dia e os dias e hoje.

Traduzido por John Milton e Fabiana Naka

Seleções de *Gathàsãptasati*

A distância destrói o amor
A falta dela também.

As fofocas destroem o amor,
E às vezes

Não precisa de nada
Para destruir o amor. 81

Em seu primeiro parto,
Ela diz a suas amigas,
"Eu não o deixarei
Toque-me novamente. Eles riram. 123

"Um escorpião a mordeu", eles gritaram,
E enquanto ela se debatia,
Suas amigas astutas na presença do marido
Levaram-a ao seu médico amante. 237

Fazer o amor conforme o livro
É logo repetitivo.
É o estilo improvisado que
Ganha meu coração. 274

Ele me tocou
Até a roupa íntima
Que não estava
Lá:

Eu vi a perturbação
Do moço
E abracei-o
Mais forte. 351

Ele acha a posição mamãe e papai

Chata, e desconfia

Se sugiro outra.

Amiga, qual é a saída?

476

*OBS: Os números ao lado dos poemas estão de acordo com Albrecht Weber's
Dad Saptaçatakam des Hãla*

Traduzido por John Milton e Fabiana Naka

Seleções de Vedas e Os Upanishadas

Gayatri Mantra

Meditamos
sobre a glória daquele Ser
que produziu este universo
Que Ele ilumine nossas mentes

Pavamāna Mantra

de Brhadāranyaka Upaniṣad

Conduza-nos
da falsidade à verdade
da escuridão à luz
da morte à imortalidade.

Shanti Mantra

de Brhadāranyaka Upaniṣad

Que todos sejam felizes
Que todos sejam saudáveis
Que todos vejam o bem
Que todos sejam livres de sofrimento.

Vasudhaiva Kutumbakam

de Maha Upaniṣad

Esse é meu, aquele é seu
as pessoas bitoladas pensam assim
Para os de coração nobre
O mundo inteiro é uma família.

VASUDHAIVA KUTUMBAKAM: O mundo inteiro é uma família

PAVAMĀNA: Purificação

SHANTI: Paz

Traduzido por John Milton e Fabiana Naka

Seleção da *Saduktikarnāmrta*

Śrīdharadāsa

Ela nem me impediu
dizendo: "Não vá embora!"
Nem perguntou -
"Estaria longe por muito tempo?"
Ela não chorou o tempo suficiente
para molhar as bochechas
Eu estava pronto para partir
quando ela veio
oferecendo-me uma bebida
para a estrada e colocou
uma flor de manga fresca
na minha palma.
Não pude mover um centímetro. (923)

Traduzido por John Milton e Fabiana Naka

Seleção de *Śārngadharpaddhati*

Śārngadhara

À medida que o dia brilhante amanhece
lavando seus pódios, eles
fofocam sobre política e as palhaçadas
dos outros sadhus,
eles ficaram acordados até meia-noite
tecendo suas flores e relva
para os rituais de adoração.

Mais tarde, fingindo praticar yoga
e austeridades, eles andam por aí
até vislumbrar as meninas da cidade
suavemente lavando os seios suaves.

Assim, esses malandros
passam o tempo
ao lado do rio. (4028)

Traduzido por John Milton e Fabiana Naka

Seleções de *Subhāṣitaratnaḥ*

Silabhattacharika

Ele foi o primeiro com quem deitei
e ele é meu marido agora
Ah, aquelas noites enluaradas!
Uma brisa refrescante descia das encostas
carregando com ele o perfume bêbado de jasmim.
Eu sou quem era então, mas sinto meu coração
com saudades dessa ladeira de junco na montanha
que foi testemunho do nosso amor e desejo...
Toda a noite em chamas. (815 | 24.9)

Silhana

"São relâmpagos, repentinos, como cobras,
e nos mergulham na escuridão quando eles se vão.
Portanto, deixe-nos renunciar os prazeres da carne
e nos agarrar à perfeição do silêncio..."
Como arrotamos essas palavras em tons frio e medidos
descaradamente como papagaios tolos:
Recitando, recitando, recitando para sempre. (1614 | 48.21)

Traduzido por John Milton e Fabiana Naka

Seleção de *Subhāṣitāvalī*

Vallabhadeva

O sol brilha
como brasas pós-sacrificiais
e repousa um pouco nos picos ocidentais,
a abelha é sugada pela doçura
no lótus, sem saber que
a flor fechará quando a luz falhar.

Aqueles que ganham dinheiro
com pensamento apenas de lucro
não conseguem compreender
sua grande perda. (1917)

Traduzido por John Milton e Fabiana Naka

Seleções de *Therigatha*

Mutta

Livre, fabulosamente livre
livre de três bagatelas -
socar, pilão e meu senhor malvado
livre de partos e óbitos sem fim
as correntes que me amarraram
de repente não mais.

Sumangalmata

Uma mulher finalmente libertada, quão livre
quão gloriosamente livre eu sou da labuta
de cozinha, dores fortes de fome
o som de vasos vazios,
livre desse homem caprichoso
o tecedor de fios
paz finalmente

a luxúria e o ódio desapareceram
Descanso sob a sombra de árvores extensas
e aprecio a felicidade.

Traduzido por John Milton e Fabiana Naka

Sem meu corpo

B.B. Agarwal

Quando voltei pra casa esta noite
um incidente estranho ocorreu:
ninguém me viu.

Minha mulher não me chamou pro chá
meus filhos também ficaram longe de mim
meu empregado, com muita impertinência
continuou a limpar o chão
como se eu não existisse.
Então, estou aqui ou não?

De repente, então, percebo
com uma sensação de tremendo assombro.
Meu corpo sumiu.
Quero ligar o rádio —
minhas mãos sumiram.
Quero falar —
minha boca se foi!
Tenho visão, ai! olhos não.
Eu consigo pensar — mas cabeça não tenho
Então...
Como é que voltei pra casa?

Devagar comecei a entender:
Deixei minha mente no escritório por acidente
enquanto seguia pra casa.
Minhas mãos ainda pendendo do corrimão do ônibus.
Meus olhos ainda checando os arquivos do escritório;
minha boca presa ao telefone.
E meus pés ficaram parados numa fila, sem dúvida.
É como eu voltei pra casa hoje, sem meu corpo.

A visão de uma vida incorpórea
é a essência da filosofia indiana
Mas é a exaustão arcando fundo o incorpóreo eu
também parte disso tudo?

Traduzido por Wellington Müller Bijokas

Sundori

Kynpham Sing Nongkynrih

Amada Sundori,
Ontem alguém do meu povo
Matou alguém do seu povo
E alguém do seu povo
Matou alguém do meu povo.
Eles hoje juraram
Matar quem fosse visto.
Mas isto não é você nem eu
Que tal nos vermos no Rio Umkhrah
Para desaguar esta insensatez
Em suas iradas águas estivais?
Envio esta mensagem
Por um terrível vento noturno
Deixe a janela aberta por favor.

Traduzido por Vitor Alevato do Amaral

Tio Pedru

Hemant Divate

Um por um nossos membros tornam-se traidores
Tua poltrona de madeira
O cinzeiro em que deixas teus *bidis*
Teu penico
O alvoroço da tua Bíblia desbotada
E um Cristo emulduado é tudo o que resta
Ainda posso sentir tua presença
reclinada sobre a poltrona, tossindo e gemendo
fumando sem descanso teus *bidis*
Tua vida tornando-se intolerável pra ti
Mas tu não podes andar
sem descanso pelo quarto
Teus lábios tremem
Mas não podem proferir palavra
Até a fumaça que se arrasta do *bidi*
parece tão paralisada quanto tu

Diante do Cristo emoldurado
mentalmente murmurando uma prece
todo teu corpo é murmúrio
Talvez uma última prece para ti e para nós
Tu perguntavas a todos
‘O que estás fazendo estes dias?’
Naquela época eu não fazia nada
só escrevia poemas
Tu dizias
‘Estás louco’
Mas lias meus poemas
com grande interesse
Dizias
‘Quando estava na faculdade
Escrevia poemas
Mas era pela loucura

Poesia te faz fraco, meu filho
O dia que parei de escrever
Parei de me preocupar com os outros
E tornei-me o homem mais forte.’

Toda tua vida estiveste sem uma companheira
Toda tua vida foste um orfão
Ninguém nunca te amou

E agora numa lâmpada de zero-watt
As palavras na Bíblia devem parecer bem desbotadas
da mesma forma que tu pareces desbotar
para todos nós

Das hastes da tua janela
deves ver
o dia fazer-se noite
Deves adivinhar a hora estimando aproximadamente
Não podes esperar a chegada de ninguém
E se de todas as formas esperares algo
é pela janela e pelas estações que sentes
cair sobre ti feito folhas
E quanto todo sozinho
finalmente recordas

tua vida
Em silêncio
rezarias para Jesus
com a alma angustiada
Tio
Não és parente de ninguém
De quem te recordarás?
E se lembras tua vida
o que realmente valeria a pena recordar nela?

Agora,
quando me recordo de ti, sinto
que poderia ser derrubado em qualquer momento
Mas
Ainda estou aqui
Porque sou louco, Tio,
Ainda escrevo poemas
Sou louco

BIDI: Um tipo de cigarro barato feito na Índia com tabacco não processado.

Traduzido por Francesca Cricelli

Um poema

Mir Taqi Mir

O amor põe gotículas de suor em seu cabelo
Como estrelas marchando na calada da noite.

A alegria enche meus olhos, ao lembrar dos seus cabelos,
com lágrimas,

 E tais lágrimas deslizam e brilham;
Em meus pensamentos estão urdidos uma noite escura
com pingos de chuva

 E o brilho e o deslizar das canções de amor.

Traduzido por Luci Collin

Um poema nunca diz nada

Uttaran Chaudhuri

Um poema nunca diz nada.
Ele apenas abre uma porta, quieto.

Insone e encurvado
tal qual meu velho pai
à minha espera numa solitária noite de inverno.

Traduzido por Luci Collin

Verão

Jayavallabha's Vajjalagam

Incinerado tudo
com cada animal,
o fogo indomado
trepou por uma árvore ressequida
e perscruta novamente a floresta,
imaginando o que sobrou.

Traduzido por Francesca Cricelli

Você

Mohammad Ismail

Você é minha
só quando tira toda a roupa
para mim

Quando está vestida
você pertence ao mundo

Eu vou rasgar esse mundo
em pedaços
um dia

Traduzido por Cláudia Santana Martins

Você e eu

Kuruntokai

Minha mãe e a sua, o que são uma da outra?
Meu pai e o seu, qual o parentesco entre eles?
Você e eu, como nos conhecemos?
como a chuva que cai sobre a terra vermelha,
nossos apaixonados corações se uniram.

Traduzido por Cláudia Santana Martins

Você teria sido um santo

Ghalib

Ah, Ghalib, a magia das suas palavras e o talento místico!
Você teria sido um santo – se não bebesse tanto.

Traduzido por Cláudia Santana Martins





Foto: Alina Medvedeva

ABHAY K. é poeta e diplomata. Entre seus recentes livros de poesia estão *The Seduction of Delhi* (Bloomsbury, Índia) e *The Eight-Eyed Lord of Kathmandu* (The Onslaught Press, UK). É o editor de *CAPITALS* (Bloomsbury, Índia) uma antologia poética sobre as capitais do mundo. Seus poemas apareceram em diversas revistas e jornais literários, incluindo *Poetry Salzburg Review*, *The Asia Literary Review*, *The Caravan*, *Muse India* e *The Missing Slate*. Seus poemas foram traduzidos para o russo, chinês, nepali, hindi, irlandês, português, esloveno, espanhol e turco. Seu poema-canção “Hino da Terra” foi traduzido para 30 idiomas. Ele recebeu o Prêmio Literário SAARC em 2013.

Entrevista com Abhay K.

por Marina Della Valle e Francesca Cricelli

1) *100 Grandes Poemas da Índia* veio depois de trazer *CAPITALS*, uma antologia de grandes poemas do mundo para a Índia. Poderia nos dizer como esses projetos se desenvolveram? Como eles estão relacionados um com o outro?

CAPITALS nasceu da minha busca por sentir e experimentar o mundo através dos olhos dos poetas e da minha curiosidade de entender como as capitais do mundo, aparentemente diferentes, estão relacionadas umas com as outras. Publiquei e lancei o livro

na Índia com a idéia de compartilhar a experiência dos poetas do mundo com outros indianos. Agora eu gostaria de fazer o caminho inverso, mostrar a Índia ao mundo através dos olhos dos poetas indianos. E, assim, a idéia de *100 Grandes Poemas* nasceu, uma antologia que mostra a rica tradição da poesia da Índia que abrange mais de 3000 anos, escrita em mais de 28 línguas indianas. Passei um ano explorando, compilando e editando poemas indianos selecionados que me comoveram de alguma maneira ou de outra, me fizeram pensar e me questionar com seus sons, imagens e *rasas* (sabores). Eu acho que esses poemas, que eu chamo de grandes poemas indianos, atraem qualquer pessoa interessada na Índia. Para tornar esses poemas amplamente disponíveis, estou trabalhando em suas traduções em vários idiomas. Até agora, temos 100 Grandes Poemas da Índia traduzidos em irlandês e português. As traduções em alemão, grego e espanhol estão em andamento. Então, o que acontece é que estou levando a poesia indiana ao mundo depois de ter trazido poemas de todo o mundo para a Índia.

2) *Em um país tão diverso como a Índia, com tantas línguas e culturas diferentes, como foi o processo de escolha desses 100 poemas?*

A Índia é realmente um país muito diverso e a tarefa de editar essa antologia é intimidadora. No entanto, parece que eu estava me preparando inconscientemente desde alguns anos. Lembro-me de, em 2013, entrar em uma livraria em Gangtok, a capital do estado de Sikkim, no nordeste da Índia, e comprar todos os livros de poesia à venda. O dono da livraria ficou emocionado porque ninguém tocava naqueles livros havia anos. Ele exclamou: “você é um poeta!”. Na época, eu não sabia que esses livros de Gangtok e outros que colecionara ao longo dos anos seriam um dos arquivos para meu projeto de compilação de grandes poemas indianos. No final de 2016, me peguei a ler quase todas as antologias da poesia indiana publicadas nas principais línguas indianas. Eu escolhi a dedo os versos que senti que eram ótimos. Então revisitei os poemas selecionados para ver se eles ainda me comoviam após repetidas leituras. Gabriel Rosenstock, poeta e tradutor irlandês, também recomendou alguns poemas, que

gostei e decidi incluir. Ele traduziu simultaneamente os poemas selecionados para o irlandês. Para acomodar o maior número possível de línguas e vozes, o volume tem um poema por poeta.

3) 100 Great Indian Poems também faz questão de dar voz a grupos minoritários, como o LGBT e o dalit. Como esse aspecto da edição foi organizado?

É verdade. A Índia é tanto socialmente quanto lingüística-mente diversificada. Tentei incluir poemas de quase todos os grupos minoritários na Índia, incluindo tribal, dalit, LGBT entre outros. Não foi difícil encontrar grandes poemas escritos por poetas pertencentes a essas comunidades. Alguns dos melhores poetas indianos, de fato, são provenientes das comunidades minoritárias da Índia.

Ao editar uma antologia que representa a poesia indiana, contemporânea, medieval ou antiga, é preciso ter sensibilidade para as existentes dinâmicas de classe, casta e gênero. Aproveitei o fato de que a poesia é uma plataforma para questionar as injustiças e desigualdades constituídas no tecido da nossa sociedade. É importante ouvir as vozes de protesto que vêm de várias hierarquias sociais e econômicas da Índia. Se você assistiu a *Caminho das Índias*, uma popular novela brasileira, você provavelmente sabe do que estou falando. Nesta antologia, você ouvirá vozes de todas as camadas da sociedade indiana - um dalit e um brâmane que ocupam pólos opostos na hierarquia de castas, um catador de lixo (Kabariwala) à margem da sociedade, um mago que acentua o caráter exótico da Índia, um indiano tradicional imerso em antigos rituais, e outro globalizado, transpondo barreiras continentais e assim por diante.

4) Como os tradutores foram escolhidos para a edição brasileira?

Minha cara colega e poeta indiana Shelly Bhoil, que mora em São Paulo, mostrou um grande interesse em lançar uma edição brasileira de *100 Grandes Poemas da Índia*. Ela fez a maior parte do duro trabalho de trazer tradutores de renome - John Milton, Luci Collin, Divanize Carboneiri, Claudia Martins, Vitor Alevato de

Amaral, Virna Teixeira, Joana Mascarenhas e Giselle Wolkoff – para o projeto. Além disso, tenho trabalhado com alguns tradutores brasileiros desde a minha chegada ao Brasil há cerca de dois anos. Eu trouxe a bordo a poeta e diplomata brasileira Ana Paula Arendt, que traduziu alguns dos meus poemas; Wellington Bujoka, outro poeta-diplomata responsável pela promoção da língua portuguesa no Itamaraty, Ministério das Relações Exteriores do Brasil; Roberto Medina, Professor Associado da Universidade de Brasília; Beatriz Santos, uma jovem tradutora de grande potencial e estudante da Universidade de Brasília e Francesca Cricelli, a quem conheci no Festival Internacional de Poesia da Nicarágua. Eu queria ter o maior número possível de tradutores para que cada um pusesse seu talento em ação nesta singular antologia... nesta antologia singular da poesia indiana em tradução. Além disso, era importante que os tradutores de 100 Poemas da Grande Índia fossem escritores experientes e fluentes em inglês e português. Alguns de nossos tradutores, como Claudia, são tradutores profissionais em tempo integral, enquanto a maioria, incluindo John, Gisele e Vitor, lecionam em cursos acadêmicos em tradução. Divanize tem experiência em tradução de literatura indiana, como o famoso clássico indiano *Hind Swaraj*. Joana, uma escritora de Goa, vive em São Paulo desde 1958, e tem um conhecimento transcultural. Algumas tradutoras como Virna, que também é neurologista, e Luci, são poetisas famosas com uma compreensão lúcida das nuances poéticas.

5) *O poeta e tradutor brasileiro Haroldo de Campos costumava dizer que um poeta-tradutor deveria tentar abordar um poema como se fosse uma partitura musical e identificar a teia de som e sentido do poema antes de traduzi-lo. Ele exortava os tradutores a fazerem isso especialmente com poemas que pareciam intraduzíveis, como poemas fônicos, que poderiam cair na “categoria de melopeia” como sugerido por Ezra Pound. Haroldo chamava esse processo de tradução de “transcrição”. O que você acha disso? Existe algum poema em sua seleção que você diria que foi necessário “transcriber”? Se sim, você poderia nos dar alguns exemplos?*

Concordo plenamente com Haroldo de Campos. Um tra-

dutor deve sentir a melodia, o humor e o *rasa* (sabor) de um poema antes de se aventurar na sua tradução. Mas a transcrição tem um significado diferente para mim. Eu a vejo como um ato de transportar um poema de um idioma para outro, mantendo intacta a essência do poema, e isso é feito não traduzindo palavra por palavra, mas traduzindo a metalinguagem e o senso geral do poema para outro idioma. Tomo como exemplo um poema de Kalidasa transcrito por mim do sânscrito para o inglês. Veja a primeira estrofe desse poema, intitulado “A Descrição do Prazer de Uma”,

Shiva taught her how to make love
in their bed; Parvati offered him back
herself, full of grace of a young woman,
like a present one gives to one's guru

No entanto, caso fosse traduzido palavra por palavra, o resultado seria algo assim:

To his disciple Shiva taught lessons,
of making love in the bed,
skilled young woman offered
herself like a gift to one's guru

Nesse exemplo, tomo liberdade criativa enquanto transcribo o poema. Eu também busco em minha transcrição usar uma linguagem contemporânea para soar mais familiar ao leitor contemporâneo. Eu acredito que todos os clássicos deveriam ser traduzidos ou transcritos a cada 20 anos para torná-los acessíveis para a geração atual.

6) O inglês foi usado como linguagem comum para todos os tradutores neste projeto? Você acha que os tradutores poderiam se beneficiar de um contato direto com os autores contemporâneos, indo além do uso do inglês como língua veicular para a tradução?

Eu diria sim para ambas as perguntas. Como editor de *100*

Grandes Poemas da Índia, estou ciente de que é uma tradução indireta porque apenas um pequeno número de poemas nesta edição foi originalmente escrito em inglês e a maioria é de outras línguas indianas. No entanto, isso não parece exercer qualquer influência negativa sobre este projeto por vários motivos. Os tradutores que traduziram esses poemas para o inglês conhecem bem as línguas originais e a cultura indiana. Portanto, usar suas traduções em inglês para produzir versões em português e em outras línguas parece natural para mim. Além disso, eu me dispus a conectar os tradutores da edição portuguesa aos poetas indianos vivos e seus tradutores ingleses. Mas essa necessidade não surgiu, pois consegui responder satisfatoriamente às dúvidas dos tradutores, que versavam principalmente sobre a diferença entre as línguas originais e o português, tais como o gênero das palavras ou o significado de palavras na língua indiana nos poemas em inglês. Por esse motivo, esta edição em português também é suplementada com um glossário de palavras indianas. De qualquer forma, uma situação ideal seria aquela em que a versão traduzida não é removida duas vezes do original. Por isso, gostaria de encorajar os brasileiros a aprender línguas indianas.

7) Como poeta e como tradutor, como sua própria escrita é influenciada pelo seu trabalho como tradutor?

Tenho aprendido muito traduzindo poemas do hindi e do sânscrito para o inglês e vice-versa. O fato de um poema poder ser traduzido de várias maneiras também me ensinou a escrever um poema de maneiras diferentes. Escrever também é uma maneira de traduzir imagens mentais e música em palavras. Aprendi bastante com a leitura de centenas de poemas escritos nas várias línguas da Índia, e produzidos em diferentes épocas, e cenários sociais e culturais, e estou certo de que minha própria escrita de poesia melhorou no processo.

8) Com base em seu conhecimento e leitura da poesia brasileira, existem,

na poesia contemporânea brasileira e indiana, temas e preocupações em comum?

Li poemas de Castro Alves, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, João Cabral de Melo Neto, entre outros poetas contemporâneos brasileiros, e encontro correntes e motivações universais em suas poesias. Por exemplo, outro dia, eu li o poema “Antologia” de Manuel Bandeira que trata do sofrimento humano e de como o autor gostaria que ele acabasse rapidamente. Em ‘E Agora, José?’ Carlos Drummond de Andrade faz perguntas universais. Eu li os *Poemas Escritos Na Índia* de Cecília Meireles e percebi que o prazer que tenho ao escrever poemas sobre lugares e personalidades é muito semelhante ao dela. O foco no amor e na perda nas obras de Vinicius de Moraes encontrará algum dia um fio condutor em obras de muitos poetas indianos. Os poemas de Castro Alves sobre o sofrimento dos escravos e “The Black Man”, de Ved Pal Deep, que aparece nesta antologia, provavelmente soarão semelhantes e inspirarão sentimentos similares.

9) *Quais são seus planos agora, você está trabalhando em algum novo projeto que possa aproximar os caminhos da poesia brasileira e indiana?*

Tenho um projeto ambicioso em mente: reunir uma coleção de poemas sobre a América Latina, incluindo o Brasil, que eu gosto de chamar de *Os Alfabetos da América Latina*. Eu tenho escrito poemas sobre lugares importantes, personalidades, monumentos da região, e tenho também traduzido poemas de autores brasileiros contemporâneos para o inglês desde que cheguei ao Brasil há dois anos. É uma espécie de resposta à coleção de poemas que Cecília Meireles escreveu na Índia (*Poemas Escritos na Índia*) e à coleção de Octavio Paz (que era embaixador do México na Índia) *In Light of India*.

Também é um desejo meu contribuir para a perpetuação do legado do poeta Rabindranath Tagore, que morou na Argentina, onde ficou hospedado brevemente na casa de Victoria Ocampo. Além disso, há dois anos tenho organizado o evento mensal *Chá Com Letras* em Brasília e agora também em São Paulo. Com o objetivo

de reavivar a conexão poética entre a Índia e o Brasil, também organizei o Festival de Literatura Indiana em três cidades do Brasil em 2017. Espero que mais escritores brasileiros sigam os passos de Cecília Meireles, viajem para a Índia e escrevam sobre ela.

10) Aparentemente, você traduziu alguns dos poemas para o inglês em parceria com outros tradutores. Poderia nos contar um pouco sobre esse processo? Quais são os prós e os contras? Em quais circunstâncias você recomendaria uma tradução em parceria?

Sim, isso mesmo. Em casos assim, o primeiro tradutor traduz o poema do idioma de origem e o segundo tradutor aperfeiçoa a tradução tanto quanto for possível. No final, ambos tradutores trabalhando em conjunto alcançam um resultado satisfatório. Eu acho que isso realmente funciona se os tradutores confiarem um no outro e se sentirem confortáveis trabalhando juntos, pois o processo envolve a remoção de qualquer coisa que desagrade um dos tradutores. Um dos dois pode facilmente se ofender caso ambos não sejam francos um com o outro. Eu recomendaria traduções em parceria quando o primeiro tradutor tem um bom conhecimento da língua de origem, enquanto o segundo tradutor é bem versado na poesia da língua para a qual o poema está sendo traduzido. Dessa maneira, eles podem se complementar. Por exemplo, o poema *Seleções de Therigatha* escrito por Sumangalmata, foi traduzido por mim e Gabriel Rosenstock. O primeiro rascunho transcrito por mim do idioma pali ficou da seguinte maneira:

A woman set free at last, how free
 how gloriously free I am from drudgery
 of kitchen, harsh hunger pangs
 from the sound of empty pots,
 also free from that whimsical man
 the spinner of yarns

I have finally found my peace
lust and hatred have gone
I rest under the shade of sprawling trees
and cherish my happiness.

Gabriel sugeriu as seguintes mudanças:

A woman set free at last, how free
how gloriously free I am from drudgery
of kitchen, harsh hunger pangs
from the sound of empty pots, ~~delete~~
also free from that whimsical man ~~delete~~
the spinner of yarns ~~delete~~
I have finally found my peace peace at last!
lust and hatred have gone
I rest under the shade of sprawling trees
and cherish my happiness.

E a versão final ficou da seguinte maneira:

A woman set free at last, how free
how gloriously free I am from drudgery
of kitchen, harsh hunger pangs
the sound of empty pots,
free from that whimsical man
the spinner of yarns
peace at last
lust and hatred have gone
I rest under the shade of sprawling trees
and cherish happiness.

Entrevista traduzida por Carla Soares

Agradecimentos

Goŝtaria de agradecer Shelly Bhoil por me motivar a organizar a edição em português de *100 Great Indian Poems* intitulada *100 Grandes Poemas da ndia*, por ter se dedicado a reunir renomados tradutores nesse projeto e por ter arranjado, junto ao Departamento de Letras da Universidade de São Paulo, a publicação da 19^a edição do periodico *Cadernos de Literatura em Traduo*, sendo ésta uma edição especial dedicada  poesia da ndia.

Gabriel Rosenŝtock, sem seu suporte e encorajamento ésta antologia não teria visto a luz do dia.

Aos professores John Milton, Telma Franco e Marina Della Valle, do time editorial *Cadernos*, por aceitarem essa proposta e darem espaço  poesia indiana.

Aos tradutores Luci Collin, Gisele Giandoni Wolkoff, Vitor Alevato do Amaral, Roberto Medina, Virna Teixeira, Divanize Carbonieri, Wellington Bujokas, Francesca Cricelli, John Milton, Fabiana Naka, Joana Juliana Mascarenhas, Ana Paula Arendt, Cláudia Santana Martins e Beatriz Santos. Pela excepcional traduo em tempo recorde.

 Carla Meireles Soares pela cuidadosa leitura, valiosas sugestões e coordenação junto aos tradutores.

 Haroldo Brito, da Criatus Design, pela arte da capa, diagramao e boa vontade para com o projeto.

Goŝtaria de agradecer minha amada esposa, Ekaterina, e minha amada filha Kaya, pela paciência sem limites, amor, apoio e compreensão durante a realização deste trabalho de amor. Eu me responsabilizo por qualquer erro que possa inadvertidamente ter entrado na antologia.

Agradecimentos de Permissões

Todos os poemas inclusos nesta antologia foram contribuições voluntárias dos poetas e/ou seus tradutores. A permissão para a utilização dos poemas foi concedida pelos poetas, tradutores e editores. Se, por impossibilidade de rastrear os proprietários de direitos autorais atuais, qualquer material protegido por direitos autorais esteja incluído para o qual a autorização não tenha sido especificamente procurada, as desculpas são apresentadas antecipadamente aos proprietários e editores em questão. Todos os esforços foram feitos para rastrear detentores de direitos autorais individuais. Isso não foi possível para cada poema; portanto, a editora ficará feliz em fazer as alterações necessárias na primeira oportunidade.

‘This Homage We Pay’ (*Uttarāmacarita* of Bhavabhūti 1.1), transcrito do Sânscrito por Gabriel Rosenstock e Abhay K., uso permitido por Gabriel Rosenstock e Abhay K.

‘A Poem’ por Mir Taqui Mir traduzido por E. Powys Mathers de *The Garden of Bright Waters: One Hundred e Twenty Asiatic Love Poems*. Disponível no domínio público.

‘A Poem Never Says Anything’ por Uttaran Chaudhuri, traduzido de Bengali pelo poeta, usado por permissão de Uttaran Chaudhuri. Apareceu primeiro em *The Journal of Poetry Society of India*, Vol.23, 2012.

‘Ambapali’ por Vishwanath Prasad Tiwary, traduzido de Hindi por Sunita Jain, usado com permissão de Vishwanath Prasad Tiwary e Sunita Jain.

‘Amrutal’ por Udayan Thakker, traduzido de Gujarati pelo poeta, usado com permissão de Udayan Thakker.

‘Aubade’ por R. Parthasarathy, *Kavya Bharati*, 16 (2004). Copyright © 2017 por R. Parthasarathy, usado com permissão de R. Parthasarathy.

‘Aubade’ por Jayshankar Prasad, traduzido de Hindi por Romila Thapar, usado com permissão de Romila Thapar.

‘Bars’ por Keki N. Daruwalla, usado com permissão de Keki N. Daruwalla.

‘Black Bag’ por Pavankumar Jain, traduzido de Gujarati por Arvind Krishna Mehrotra; usado com permissão de Arvind Krishna Mehrotra

‘Bone of Time’ por Jayanta Mahapatra, usado com permissão de Jayanta Mahapatra.

'Breasts' por Kutti Revathi, traduzido de Tamil por Lakshmi Holmström, usado com permissão de Kutti Revathi, Mark Holmström e Radhika Holmström.

'Breath' (Poem 52) por Lal Ded, tradução(c) Ranjit Hoskote de Kashmiri; usado com permissão de Ranjit Hoskote. Apareceu primeiro em I, Lalla: The Poems of Lal Ded (New Delhi: Penguin Classics, 2011).

'Champa' por Katyayani, traduzido do Hindi por Nirupama Dutt, usado com permissão de Nirupama Dutt.

'Chill Out' por Anon, transcrição por Gabriel Rosenstock e Abhay K., idioma original: Gondi, usado com permissão de Gabriel Rosenstock e Abhay K.

'Conversation Piece' por Eunice de Souza, usado com permissão de Eunice de Souza.

'Dance of Shiva' por Hoshang Merchant, usado com permissão de Hoshang Merchant.

'Dawn in Winter' por Agyeya, traduzido de Hindi por Lucy Rosenstein, usado com permissão de Lucy Rosenstein.

'Death of a Rogue Elephant' por N. N. Kakkad, traduzido de Malayalam por E.V. Ramakrishnan, usado com permissão de E.V. Ramakrishnan.

'Description of the Missing One' por Kunwar Narayan, traduzido de Hindi por Apurva Narayan, usado com permissão de Apurva Narayan.

'Digamabara' por Anitha Thampi, traduzido de Malayalam por K. Satchidanean, usado com permissão de Anitha Thampi e K. Satchidanean.

'Easy Friend' por Kabir, traduzido de Hindi vernacular por Arvind Krishna Mehrotra, usado com permissão de Arvind Krishna Mehrotra.

'Engraving of a Bison on Stone' por Arvind Krishna Mehrotra, usado com permissão de Arvind Krishna Mehrotra.

'Epitaph' por Shakti Chattopadhyay, traduzido de Bengali por Arvind Krishna Mehrotra, usado com permissão de Arvind Krishna Mehrotra.

'Epitaph on My Gravestone' por Manushya Puthiran, traduzido por C.S. Lakshmi e Arundhati Subramaniam, usado com permissão de Manushya Puthiran, C.S. Lakshmi e Arundhati Subramaniam.

'Every Le Our Home' por Kaniyan Punkunran, Weber Studies 15.1 (Winter 1998), traduzido de Tamil por R. Parthasarathy, Copyright © 2017 por R. Parthasarathy, usado com permissão de R. Parthasarathy

'Famine e After' por Nagarjuna, traduzido de Hindi por Nalini Taneja, usado com permissão de Nalini Taneja.

'Father Returning Home' por Dilip Chitre, traduzido do Marathi pelo poeta. Usado com permissão de Vijaya Chitre.

'Four Haiku e a Tanka' por K. Ramesh, usado com permissão de K. Ramesh.

'Friends, This Is the Only Way' por Sachal Sarmast, traduzido de Sindhi por Ivan M. Granger, usado com permissão de Ivan M. Granger.

'Giant Buildings' por Munibur Rahman, transcrito por Gabriel

Rosenstock e Abhay K., linguagem original: Urdu, usado com permissão de Gabriel Rosenstock e Abhay K.

'Grefather's Photograph' por Manglesh Dabral, traduzido do Hindi por Arvind Krishna Mehrotra, usado com permissão de Manglesh Dabral e Arvind Krishna Mehrotra.

'He Is a Poet' por Shankar Ramani, traduzido do Konkani por Damodar Mauzo, usado com permissão de Damodar Mauzo.

'He Promised He'd Return Tomorrow' por Vidyapati, traduzido do Maithali por Azfar Hussain, usado com permissão de Azfar Hussain.

'Horse Play' por K. Ayyappa Paniker, traduzido do Malayalam por K. Satchidanean, usado com permissão de K. Satchidanean.

'How to Go to the Tao Temple' por K. Satchidanean, traduzido do Malayalam pelo poeta, usado com permissão de K. Satchidanean.

'How to Read a Book' por Muddupalani, traduzido do Telugu por Velcheru Narayan Rao e David Shulman, usado com permissão de Velcheru Narayan Rao e David Shulman.

'How to Tame a Pair of New Chappals' por Gopal Honnalgere. Internodes, Samkaleen Prakashan, 1986.

'I Have Given Birth to a Son' (Canção tribal de nascimento por uma mãe Bhil), traduzido de Bhili por Abraham Thuruthumalil, *Dharmaram Journals, Poetry of Indian Tribals*, Volume 17, Issue 2.

'In Her Lovemaking She Grieves' por Gagan Gill, traduzido de Hindi por J.P. Das, Arlene Zide e Madhu B. Joshi,

usado com permissão de Gagan Gill, J.P. Das e Arlene Zide.

'Kabariwala' por Kavita A. Jindal, usado com permissão de Kavita A. Jindal.

'Kalli' por Ajmer Rode, traduzido de Punjabi por the poet, first published at Poetry International Web, Rotterdam, usado com permissão de Ajmer Rode.

'Lamination' por Shefali Debbarma, traduzido de Kokborok por Saroj Chaudhuri, reworked por Abhay K., usado com permissão de Shefali Debbarma, Saroj Chaudhuri e Abhay K.

'Love Song' por Nirala, traduzido de Hindi por Arvind Krishna Mehrotra, usado com permissão de Arvind Krishna Mehrotra.

'Magadh' por Srikant Verma, traduzido de Hindi por Mrinal Pee, usado com permissão de Mrinal Pee.

'Making a Chair' por Dileep Jhaveri, usado com permissão de Dileep Jhaveri.

'Married Love' por Srinivas Rayaprol, usado com permissão de Aparna Rayaprol

'Moment' por Kaifi Azami, traduzido do Urdu por Pavan K. Varma, usado com permissão de Pavan K. Varma.

'Monsoon Clouds Be My Messenger' por Eal, traduzido do Old Tamil por Priya Sarukkai Chhabria, usado com permissão de Priya Sarukkai Chhabria.

'Mother Tongue' por Kedarnath Singh, traduzido do Hindi por Kalpana Singh-Chitnis, usado com permissão de Kedarnath Singh e Kalpana Singh-Chitnis.

'My Poem' por Surjit Patar, traduzido do Punjabi por Nirupama Dutt, usado

com permissão de Surjit Patar e Nirupama Dutt.

‘Not Entirely Hidden’ from *Cātu verses*, traduzido do Telugu por Velcheru Narayana Rao e David Shulman, usado com permissão de Velcheru Narayana Rao e David Shulman.

‘O My Friends’ por Mirabai, tradução (c) Jane Hirshfield; usado com permissão de Jane Hirshfield. Apareceu pela primeira vez em *Women in Praise of the Sacred: 43 Centuries of Spiritual Poetry for Women*, ed. por Jane Hirshfield (NY: HarperCollins, 1994) e Mirabai: Ecstatic Poems, ed. por Robert Bly e Jane Hirshfield (Boston: Beacon Press, 2004).

‘O Sakhi, the Flute Plays in the Grove’ por Salabega, traduzido do oriya por Sachidane Mohanty e Smita Mohanty, usado com permissão de Sachidane Mohanty.

‘Pataliputra’ por Patumarattu Mocikiranar, *Indian Literature*, 39.1 (January-February 1996) traduzido do tamil por R. Parthasarathy, copyright © 2017 por R. Parthasarathy, usado com permissão de R. Parthasarathy

‘Pedru Uncle’ por Hemant Divate, traduzido do Marathi por Dilip Chitre, usado com permissão de Hemant Divate e Vijaya Chitre.

‘People’ por Tukaram, traduzido do marathi por Anon.

‘Play’ por Ashok Vajpeyi, traduzido do hindi por Sudeep Sen, usado com permissão de Ashok Vajpeyi e Sudeep Sen.

‘Praise Galore to the Land of Dhat’ por Rangrelo Bithu, traduzido do rajasthani por Kesari Singh, publicado pela primeira vez em *An Anthology of Rajasthan Poetry* (Books Treasure, Jodhpur)

‘Pundarika’ por Kshemendra, traduzido do sânscrito por W.S. Merwin e J.M. Masson, usado com permissão de J.M. Masson.

Selections from *Amaruśataka*, transcriado do sânscrito por Gabriel Rosenstock and Abhay K., usado com permissão de Gabriel Rosenstock and Abhay K.

Selections from *Bhojpuri Descant* (after Ghagha), traduzido do bhojpuri por Arvind Krishna Mehrotra, usado com permissão de Arvind Krishna Mehrotra

Selections from *Chauraspanchasika* por Bilhana, interpretação livre *Chauraspanchasika* (Sânscrito) por E. Powys Mathers. Disponível no domínio público.

Selections from *Gathasaptasati*, traduzido do Maharashtra Prakrit por Arvind Krishna Mehrotra. Os números seguindo os poemas estão de acordo Albrecht Weber’s *Das Saptacatakam des Hala* (Leipzig: F.A. Brockhaus, 1881). Usado com permissão de Arvind Krishna Mehrotra.

Selections from *The Rigveda and The Upanishadas* – ‘Gayatri Mantra’ traduzido do Sânscrito por Swami Vivekananda, disponível no domínio público; ‘Pavamāna Mantra’ (de *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*), ‘Shanti Mantra’ (de *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*), ‘Vasudhaiva Kutumbakam’ (de *Maha Upaniṣad*), traduzido do Sânscrito por Abhay K., usado com permissão de Abhay K.

Selection from *Saduktikarnāmṛta* por Śrīdharadāsa, transcriado do Sânscrito por Gabriel Rosenstock and Abhay K., usado com permissão de Gabriel Rosenstock and Abhay K.

Selection from *Śārngadharaṇapaddhati* por Śārngadhara, transcriado do sânscrito

por Gabriel Rosenstock and Abhay K., usado com permissão de Gabriel Rosenstock and Abhay K.

Selections from *Subhāṣitaratnaḥaṣa* por Vidyākara, 815 (24.9) and 1614 (48.21) por Śilhana, transcrito do sânscrito por Gabriel Rosenstock, usado com permissão de Gabriel Rosenstock.

Selection from *Subhāṣitāvalī* por Vallabhadeva, transcrito do sânscrito por Gabriel Rosenstock and Abhay K., usado com permissão de Gabriel Rosenstock and Abhay K.

Selections from *Therīgātha*, poems of Mutta and Sumangalmata, transcrito por Abhay K. and Gabriel Rosenstock, original language: pali, usado com permissão de Abhay K. and Gabriel Rosenstock.

‘Shapes’ por Chokhamela, traduzido do marathi por Rohini Mokashi-Punekar, usado com permissão de Rohini Mokashi-Punekar.

‘Song of the Avadhut’ por Dattatreya, traduzido do sânscrito por S. Abhayananda, usado com permissão de S. Abhayananda.

‘Soul Song’ por Abhay K., usado com permissão de Abhay K.

‘Summer’ from *Vājñalagam* of Jayabhallava, traduzido do prakrit por Martha Ann Selby, usado com permissão de Martha Ann Selby.

‘Sundori’ por Kynphan Sing Nougkynrih, traduzido do khasi pelo poeta, usado com permissão de Kynphan Sing Nougkynrih.

‘The Black Man’ por Ved Pal Deep, traduzido do dogri por Balraj Puri.

‘The Day She Was Gone’ por Namdeo Dhasal, traduzido do marathi por Dilip Chitre. Usado com permissão de Vijaya Chitre.

‘The Description of Uma’s Lovemaking’ por Kalidasa, transcrito do sânscrito por Abhay K., usado com permissão de Abhay K.

‘The Door’ por Anamika, traduzido do hindi por Ritu Menon, usado com permissão de Anamika.

‘The Heron’ por Nannakaiyar, *Modern Poetry in Translation*, New Series, 9 (Summer 1996), traduzido do Tamil por R. Parthasarathy. Copyright © 2017 por R. Parthasarathy, usado com permissão de R. Parthasarathy.

‘The Leaf on the Branch’ por Gulzar, traduzido do urdu por Pavan K. Varma, usado com permissão de Gulzar and Pavan K. Varma.

‘The Magician’ por Kamal Vora, traduzido do gujarati por Dileep Jhaveri and Bill Wolak, usado com permissão de Kamal Vora, Dileep Jhaveri and Bill Wolak.

‘The Messenger Speaks to Radha’ por Jayadeva, traduzido por Andrew Schelling (de *The Gita-govinda* in Kamini: Poems from Jayadeva’s *Gita-govinda*— emdash editions: St. Louis, 2007), usado com permissão de Andrew Schelling.

‘The Sea’ por Sitanshu Yashaschandra, traduzido por E.V. Ramakrishnan, usado com permissão de Sitanshu Yashaschandra and E.V. Ramakrishnan.

‘The Secret’ por Joseph Furtado. Disponível no domínio público.

‘The Taste of Iron’ por Dhumil, traduzido do hindi por Kamalakar Bhat, usado com permissão de Kamalakar Bhat.

‘The Tiger’ por Kavarpentru (*Puranamuru 86*), *Modern Poetry in Translation*, New Series, 9 (Summer 1996). Traduzido do tamil por R. Parthasarathy. Copyright © 2017 por R. Parthasarathy, usado com permissão de R. Parthasarathy.

‘The Unicorn’ por Suniti Namjoshi, usado com permissão de Suniti Namjoshi.

‘The Yellow Mustard’ por Amir Khusrau, traduzido por Anon, disponível no domínio público.

‘The Young Woman Who Sells Flowers’ por Parimal Hansda, traduzido do santhali por Hansda Sowvendra Shekhar, usado com permissão de Parimal Hansda e Hansda Sowvendra Shekhar.

‘Time Does Not Pass’ por Rajendra Bhandari, traduzido do nepali por Anmole Prasad, usado com permissão de Rajendra Bhandari e Anmole Prasad.

‘Traffic Jam’ por Nilim Kumar, traduzido do assamese por Bibekanand Choudhury, usado com permissão de Nilim Kumar.

‘Wasn’t It Woman Who Bore Them’ por Sanciya Honamma, traduzido do kannada por Tejaswini Niranjana, usado com permissão de Tejaswini Niranjana.

‘When You Come’ por Anupama Basumatary, traduzido do assamese por Pradip Acharya, usado com permissão de Anupama Basumatary.

‘Where the Mind Is Without Fear’ por Rabindranath Tagore, traduzido do bengali pelo poeta, disponível no domínio público.

‘Who Was It’ por Saharyar, traduzido do urdu por Rakhshanda Jalil, usado com permissão de Rakhshanda Jalil

‘Within’ por Basavanna, traduzido do kannada por Laxmi Chandrashekar e Vijaya Guttal, retrabalhado por Gabriel Rosenstock, usado com permissão de Laxmi Chandrashekar, Vijaya Guttal e Gabriel Rosenstock.

‘Without My Body’ por B.B. Agarwal, traduzido do hindi por Abhay K., usado com permissão de Abhay K.

‘You’ por Ismail, traduzido do telugu por Velcheru Narayan Rao, usado com permissão de Velcheru Narayan Rao.

‘You and Me’ (*Kuruntokai* 40), traduzido do tamil por George L. Hart, usado com permissão de George L. Hart.

‘You Cannot Own Someone’ por Firaq Gorakhpuri, traduzido do urdu pelo poeta.

‘You Would Have Been a Saint’ por Ghalib, traduzido do urdu por Gulzar, usado com permissão de Gulzar.

Poetas

Abhay K. (nascido em 1980) publicou cinco coleções de poemas incluindo *The Seduction of Delhi* (Bloomsbury India). É o editor de *CAPITALS* (Bloomsbury India) e *100 Great Indian Poems* (Bloomsbury India). Recebeu o prêmio de literatura SAARC 2013.

Agyeya é o nome artístico de Sachchidananda Hirananda Vatsyayan (1911–1987). Introduziu as tendências modernas na poesia indiana, ficção, criticismo e jornalismo. Foi expoente de movimentos literários como *Nayi Kavita* (Nova Poesia) e *Prayog* (Experimentos) na literatura moderna indiana.

Ajmer Rode (nascido em 1940) é poeta, dramaturgo e tradutor com cinco volumes de poesia publicados. Vive no Canadá e escreve em punjabi e inglês.

Amir Khusrau (1253-1325) é músico sufi, poeta e erudito. Ele é um personagem icônico na história cultural do subcontinente indiano. Foi um discípulo místico e espiritual de Nizamuddin Auliya de Delhi. Escreveu poesia principalmente em persa, mas também em Hindavi.

Anamika (nascido em 1961) é uma poeta hindi contemporâneo, assistente social e romancista de Bihar. Escreve críticas literárias em inglês.

Andal é a única mulher entre os doze santos Alvar do sul da Índia, afiliada à tradição Srivaishnava do hinduísmo. Ativa nos séculos VII-VIII, ela é creditada com as ótimas obras *Tamil Thiruppavai* e *Nachiar Tirumozhi*.

Anitha Thampi (nascido em 1968) é poeta na língua malayalam. Ela tem duas coleções de poesia em seu histórico. Seus poemas foram traduzidos para várias línguas.

Anupama Basumatary (nascido em 1961) tem cinco coleções de poesia e um livro de traduções publicados. Ela recebeu o Prêmio Ishan da Bharatiya Bhasha Parishad pelo livro *Rupali Ratir Ghat*.

Arvind Krishna Mehrotra (nascido em 1947) é poeta, antologista, crítico literário e tradutor. Ele é amplamente reconhecido por expandir a tradição de poesia da língua inglesa indiana, estabelecida por figuras como A.K. Ramanujan, Nissim Ezekiel, Dom Moraes e Arun Kolatkar.

Ashok Vajpeyi (nascido em 1941) é um poeta, ensaísta, crítico literário e cultural. Escreve em hindi. Publicou 23 livros de poesia, crítica e arte. Recebeu o Prêmio Sahitya Akademi em 1994.

Basavanna é um filósofo hindu do século XII, estadista, poeta Kannada no movimento Bhakti focado em Shiva e um reformador social. Ele espalhou a consciência social através de sua poesia, popularmente conhecida como *Vachanas*.

B.B. Agarwal (1919-1975) é uma figura importante no movimento *Pragativad* na poesia hindi. Ele publicou nove coleções de poesia e recebeu o prêmio Sahitya Akademi postumamente.

Bhavabhuti é um erudito do século VIII da Índia, conhecido por suas peças e poesia, escritas em sânscrito. Sua obra *Malati Madhava* é considerada uma obra-prima na literatura sânscrita.

Bilhana poeta da Caxemira do século XI. Conhecido por seu poema de amor, *Caurapañcāsīkā* ou *The Love Thief*.

Chokhamela é um dos primeiros poetas dalit da Índia no século XIV. É reverenciado como um santo em Maharashtra. Pertencia à casta Mahar, considerada intocável naquela época. Ele escreveu muitos *Abhangas*, uma forma de poesia devocional cantada em louvor ao deus Vitthala / Vithoba.

Dattatreya é considerado como uma encarnação da Divina Trindade Brahma, Vishnu e Siva na mitologia hindu. É também considerado o primeiro Senhor do Yoga.

Dileep Jhaveri (nascido em 1943) é poeta da língua gujarati, tradutor, dramaturgo, editor e médico de Mumbai. Publicou três coleções de poesia em Gujarati e editou uma antologia de poesia contemporânea de Gujarati, cujo título, na tradução inglesa, é *Breath Becoming a Word*.

Dilip Chitre (1938-2009) foi um dos principais poetas e críticos da Índia pós-independência. Além de ser um escritor bilingue muito importante de marathi e inglês, ele também era pintor e cineasta.

Dhumil (1936-1975) famoso poeta hindi de Varanasi, conhecido por seus escritos revolucionários e sua “poesia de protesto”. Sua segunda coleção de poesia lançada postumamente ganhou o prêmio Sahitya Akademi em 1979.

Eunice de Souza (1940-2017) é uma poeta de língua inglesa, crítica literária e romancista. Entre seus notáveis livros de poesia estão *Fix* e *Women in Dutch Painting* (1988).

Firaq Gorakhpuri (1896-1982) é o pseudônimo de Raghupati Sahay, um escritor, crítico e um dos mais conhecidos poetas urdu contemporâneos da Índia. Ele recebeu o Prêmio Jnanpith em 1969 pelo seu magnum opus *Gul-e-Naghma*.

Ghalib (1797-1869) é o pseudônimo de Mirza Asadullah Beg Khan. Poeminente urdu e poeta da língua persa nos últimos anos do Império Mughal.

Gagan Gill (nascido em 1959) publicou quatro coleções de poesia. Ela também publicou dez volumes de traduções.

Gopal Honnalgere (1942-2003) é um proeminente poeta indiano inglês. Ensinou arte e escrita na Oasis School em Hyderabad. Publicou seis livros de poesia.

Gulzar (nascido em 1934) é o pseudônimo de Sampooran Singh Kalra. Conhecido poeta, letrista e diretor de cinema. Recebeu o Prêmio Sahitya Akademi em 2002 por sua coleção de contos *Dhuan*.

Hemant Divate (nascido em 1967) é um famoso poeta marathi, tradutor e editor em Mumbai. Publicou várias coleções de poesia.

Hoshang Merchant (nascido em 1947) poeta de Hyderabad que escreve em inglês. Escreveu 20 livros de poesia e quatro estudos críticos. Ele editou a primeira antologia gay da Índia *Yaraana: Gay Writing from India*.

Jayadeva (1170-1245) poeta sânscrito conhecido por seu poema épico, *Gita Govinda*, que se concentra no amor de Krishna com Radha na primavera.

Jayanta Mahapatra (nascido em 1928) é um dos poetas contemporâneos mais conhecidos e o primeiro poeta indiano a ganhar o prêmio Sahitya Akademi por poesia inglesa.

Jayavallabha monge Jain do século VIII. Ele compilou *Vajjalagan*, uma coleção de versos em prakrit.

Joseph Furtado (1872-1947) foi um poeta e romancista que escreveu na língua inglesa. Considerado um dos melhores poetas de Goa de seu tempo, ele está em grande parte desconhecido atualmente.

Kabir foi um místico poeta e santo do século XV. Ele está entre os maiores poetas do mundo. Seus escritos influenciaram o movimento Bhakti e seus versos são encontrados nas escrituras do Sikhismo, *Adi Granth*.

Kaifi Azami (1919-2002) é o pseudônimo de Sayyid Akhtar Hussein Rizvi, um renomado poeta urdu e letrista. Ele recebeu o Prêmio Sahitya Akademi em 1975 por sua coleção de poesia *Awara Sajde*.

Kamal Vora (nascido em 1950) é um poeta e editor de língua gujarati de Mumbai. É o editor da *Etad*, uma revista literária trimestral Gujarati. Recebeu o Prêmio Sahitya Akademi em 2016.

Kaniyan Punkunran (séculos I-III) é um influente poeta e filósofo tamil da era Sangam.

Kalidasa é um escritor sânscrito do século V, amplamente considerado o maior poeta e dramaturgo na língua sânscrita. Suas peças e poesia são principalmente baseadas nos *Puranas*.

Katyayni (nascido em 1959) é um poeta, ativista e editor. Ela publicou quatro coleções de poemas. Alguns de seus poemas foram traduzidos para o russo e o inglês.

Kavita A. Jindal (nascido em 1964) é a autora da coleção de poesia, *Raincheck Renewed*, publicada pela Chameleon Press sob aclamação da crítica. Ela também publicou ficção, ensaios e análises em jornais, além de antologias ao redor do mundo.

K. Ayyappa Paniker (1930-2006) é um influente poeta Malayalam, crítico literário, acadêmico e erudito. Ele foi um dos pioneiros do modernismo na poesia Malayalam.

Kedarnath Singh (nascido em 1934) é poeta, crítico e ensaísta. Ele escreve em hindi. Ele recebeu o maior prêmio literário da Índia, Jnanpith, em 2013, e o Prêmio Sahitya Akademi em 1989.

Keki N. Daruwalla (nascido em 1937) é poeta e escritor de contos em inglês. Ele recebeu o prêmio Sahitya Akademi em 1984 por sua coleção de poesia, *The Keeper of the Dead* e Commonwealth Prize da Ásia por *Landscapes* em 1987.

K.Ramesh (nascido em 1966) escreve haiku, tanka e verso livre. Seus poemas apareceram em vários periódicos que servem de verso livre e formas japonesas de poesia.

K. Satchidanandan (nascido em 1928) é poeta e crítico. Um pioneiro da poesia moderna em Malayalam, crítico literário, dramaturgo, editor, colunista e tradutor bilingue, ele escreve em malayalam e traduz seus poemas para o inglês.

Kshemendra (990 - 1070) é um poeta sânscrito da Caxemira. Cerca de dezoito de suas obras ainda existem, enquanto outras catorze são conhecidas apenas através de referências em outras literaturas.

Kunwar Narayan (nascido em 1927) escreve em hindi. Amplamente traduzido, suas muitas honras incluem o Prêmio

Sahitya Akademi, o premio Feronia da Itália, a medalha de honra da Universidade de Varsóvia, Padma Bhushan e Jnanpith.

Kutti Revathi (nascido em 1974) é letrista, poetisa, ativista e médica. Publicou três livros de poesia e é editora da *Panikkudam*, uma revista trimestral literária para a escrita de mulheres.

Kynphan Sing Nougynrih (nascido em 1964) é poeta, tradutor e editor do Nordeste da Índia. Sua poesia tem sido amplamente publicada em revistas nacionais e internacionais. Ele escreve em khasi e em inglês.

Lal Ded (1320-1392), conhecido como Lalla, foi uma mística. Seus versos são as primeiras composições na língua da Caxemira e são uma parte importante da história da literatura moderna da Caxemira.

Manglesh Dabral (nascido em 1948) foi um poeta contemporâneo que escreve em hindi. Publicou várias coleções de poesia. Recebeu o Prêmio Sahitya Akademi.

Manushya Puthiran (nascido em 1968) é o pseudônimo do poeta Tamil S.Abdul Hameed. Tem várias coleções de poesia para em seu histórico.

Mirabai é uma poetisa mística hindu do século XVI e devota de Krishna. Ela é uma celebrada santa Bhakti, particularmente na tradição hindu do norte da Índia.

Mir Taqi Mir (1725-1810) foi o principal poeta urdu de seu tempo e um dos pioneiros da língua urdu. Ele era um dos poetas-chave da Escola de Delhi do Urdu Ghazal.

Mohammad Ismail (1928-2003) é um poeta e crítico de língua telugu. Ele também foi acadêmico e administrador universitário. Ele escreveu mais de uma dúzia de livros, incluindo poesia, críticas e traduções.

Muddupalani foi uma poetisa e cortesã do século XVIII. Suas obras principais são o épico erótico *Rādhikā-sāntvanam* além de *Ashatapadi*, uma tradução telugu do trabalho homônimo de Jayadeva.

Munibur Rahman (nascido em 1924) publicou nove livros, incluindo quatro coleções de poesia, além de vários artigos em revistas científicas. Ele mora em Michigan.

Mutta foi uma ativa freira idosa em torno de 600 aC que contribuiu com poemas para uma das primeiras antologias de poesia no mundo intitulada *Therigatha*.

Nagarjuna (1911-1998) é o pseudônimo de Vaidya Nath Mishra. Foi um poeta hindi e Maithili, conhecido como Janakavi – o Poeta do Povo. Ele recebeu o Prêmio Sahitya Akademi em 1969.

Namdeo Dhasal (1949-2014) foi um poeta Marathi, escritor e ativista dalit de Maharashtra, Índia. Ele ganhou um Lifetime Achievement Award do Sahitya Akademi em 2004.

Nannakaiyar (séculos I-III) é um poeta da língua Tamil da era Sangam.

Nilim Kumar (nascido em 1961) tem dezessete coleções de poesia e três novelas para publicadas. Ele escreve em assamês. Seus poemas foram traduzidos para várias línguas.

Nirala (1896-1961) [Suryakant Tripathi ‘Nirala’] foi poeta, romancista, ensaísta e escritor de histórias e uma figura proeminente na literatura hindi moderna.

N. N. Kakkad (1927-1987) foi um poeta na língua malayalam. Ele era um estudioso sânscrito, bem como um locutor de rádio.

Parimal Hansda (nascido em 1986) é um poeta na língua de Santhali. Ele publicou uma antologia de poemas e uma coleção de histórias curtas.

Pavankumar Jain (1947-2013) escreveu em inglês e gujarati. Sua primeira coleção de poemas de Gujarati, *Pasath Kavyo* (sessenta e cinco poemas), se tornou conhecida em 2012.

Patumarattu Mocikiranar (séculos I-III) é um poeta da língua Tamil da era Sangam.

Rabindranath Tagore (1861-1941) é o autor de *Gitanjali*. Ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 1913.

Rajendra Bhandari (nascido em 1956) é um poeta no Nepal. Publicou várias coleções de poemas.

Rangrelo Bithu é um poeta de Jaisalmer, Rajastão que escreveu em Rajasthani. Seu poema “Praise Galore to the Land of Dhat” descreve a paisagem de Jaisalmer.

R. Parthasarathy (nascido em 1934) é poeta, tradutor e editor. Ele é mais conhecido por seu longo poema, *Rough Passage* (Oxford University Press, 1977). Sua tradução do épico de Tamil, *The Tale of a Anklet* (Columbia University Press, 1993), recebeu o prêmio Sahitya Akademi em 1996.

Sachal Sarmast (1739-1827) é o nome de Abdul Wahab Farouqi, um poeta sufista de Sindh. Ele escreveu poesia em várias línguas, mais proeminente em Sindhi.

Saharyar (1936-2012) é um renomado poeta e letrista que também foi acadêmico. Ele escreveu no idioma urdu. Ele recebeu o Prêmio Sahitya Akademi em 1987 e Jnanpith em 2008.

Salabega é um poeta do século XVII de Odisha. Ele ocupa uma posição permanente entre os poetas devocionais de Odisha, que dedicaram sua vida ao Senhor Jagannath.

Śārṅgadhara é o compilador de *Śārṅgadharaṣṭṭhātī* do século XIV, uma antologia sânscrita (1363), que tem 4689 versos poéticos divididos em 163 seções (paddhati).

Shakti Chattopadhyay (1933-1995) é poeta e escritor em bengali. Ele recebeu o Prêmio Sahitya Akademi em 1983.

Shankar Ramani (nascido em 1923) é um poeta de Goa felicitado pelo prêmio da Academia Sahitya pela coleção de poesia em Konkani em 1996.

Shefali Debbarma (nascido em 1964) é um poeta de Tripura, nordeste da Índia. Ela escreve em Kokborok. Ela recebeu o Prêmio Tripura State para poesia em 2004.

Silhana é um poeta da Caxemira. Seu *Shantisataka* é citado em *Saduktikarnamrta*, que foi composto em 1205.

Sitanshu Yashaschandra (nascido em 1941) é poeta gujarati, dramaturgo, tradutor e acadêmico. Recebeu o Prêmio Sahitya Akademi em 1987 e Padma Shri em 2006.

Śrīdharadāsa foi um poeta do século XVII e compilador de *Saduktikaṃāmṛta*. Ele foi ativo no tribunal de Sena e é autor de várias obras em sânscrito.

Srikant Verma (1931-1986) é um poeta e autor de vinte livros. Ele também era um político. Ele recebeu o Prêmio Sahitya Akademi empoletorialmente para Magadh.

Srinivas Rayaprol (1925-1998) proeminente poeta inglês indiano. Ele também traduziu poesia Telugu para o inglês. Três antologias de suas poesias foram publicadas pelo Writers 'Workshop, em Calcutá.

Sumangalmata foi uma freira idosa que viveu por volta de 600 aC e contribuiu com poemas para uma das primeiras antologias de poesia no mundo intitulada *Therigatha*.

Suniti Namjoshi (nascido em 1941) é uma poetisa e fabulista. Ela escreveu muitas coleções de fábulas e poesias, várias novelas e mais de uma dúzia de livros infantis. Seu trabalho foi traduzido para vários idiomas.

Surjit Patar (nascido em 1945) é um poeta da língua Punjabi. Ele recebeu o Prêmio Sahitya Akademi em 1993.

Tukaram foi um poeta-santo do século XVII de Maharashtra, na Índia. Ele é mais conhecido por sua poesia devocional de *Abhanga* e por adoração voltada para a comunidade com músicas espirituais conhecidas como *Kīrtans*.

Udayan Thakker (nascido em 1955) é um poeta, escritor e tradutor de língua gujarati de Mumbai, na Índia.

Uttaran Chaudhuri (nascido em 1982) é um poeta em bengali. Ele trabalha como supervisor criativo em uma empresa de publicidade em Kolkata. Seus poemas apareceram em várias revistas literárias.

Vallabhadeva foi um poeta sânscrito do século XVI. Foi um dos adeptos de *Subhasitavali*.

Ved Pal Deep (1929-1995) foi poeta e tradutor. Ele escreveu em hindi e dogri.

Vidyapati (1352-1448) escritor de Bihar que escreveu em mathili e sânscrito. Sua poesia influenciou Bengali, Maithili e outras tradições literárias orientais.

Vishwanath Prasad Tiwary (nascido em 1940) é um poeta e crítico hindi. Ele escreveu uma série de livros de poesia. É atualmente o Presidente da Sahitya Akademi, a Academia Nacional de Letras.

Biografias dos tradutores para o português

Ana Paula Arendt é poetisa e diplomata brasileira. Mãe de 3 filhos e cientista política. Foi premiada com menção honrosa por sua peça “A Constituinte” pela União de Escritores Brasileiros na Academia Brasileira de Letras.

Beatriz Santos é estudante de Letras - Tradução - Inglês na Universidade de Brasília (UnB). Professora de inglês. A cada contato com a cultura indiana, é impulsionada a buscar mais sobre o assunto.

Cláudia Santana Martins é doutora em Letras, Linguística e Literatura pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo, onde atualmente é pesquisadora de pós-doutorado em Estudos de Tradução.

Divanize Carbonieri é doutora em Letras pela Universidade de São Paulo e professora de literaturas de língua inglesa na Universidade Federal de Mato Grosso. É autora de dezenas de ensaios acadêmicos na área de estudos literários, incluindo o livro *A compensação da imobilidade em Nuruddin Farah* (2013). Como tradutora, envolveu-se na tradução para o português de Hind Swaraj: autogoverno da Índia (2010) de Mohandas Gandhi e de outros artigos e textos.

Fabiana Naka é professora de alemão em escolas Waldorf, fundadora do projeto Salva Dor, de Salvador, Bahia, ONG que trabalha com crianças e jovens em situação de risco.

Francesca Cricelli é poetisa, tradutora e pesquisadora. Publicou os livros Repátria (Selo Demônio Negro, 2015), Tudo que toca o olhar (Casa Imprensa Almería, 2013) e é pesquisadora PhD na Universidade de São Paulo, onde estuda e traduz as cartas não publicadas de Giuseppe Ungaretti to Bruna Bianco.

Gisele Giandoni Wolkoff é professora do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Fluminense. Organizou os volumes *Plurivozes Americanas/American Plural Voices/Plurivozes Americanas* (2015), *Poem-ando Além Fronteiras: dez poetas contemporâneas irlandesas e portuguesas* (2011), dentre outros. Tem se dedicado ao mapeamento da cultura contemporânea e suas traduções.

Joana Juliana Mascarenhas faz parte de uma das primeiras famílias de imigrantes indianos a virem para o Brasil tendo chegado em 1958. Ela é um dos membros fundadores da Associação Indiana de São Paulo. É autora do livro de memórias e contos intitulado *Arco Iris* (2014).

John Milton é Professor Titular na Universidade de São Paulo (USP), onde ensina Literatura Inglesa e Estudos de Tradução. Entre suas publicações estão *O Poder da Tradução* (1993) (reeditado como *Tradução: Teoria e Prática*, 1998 e 2010); e *Agents of Translation* (ed. com Paul Bandia) (2009).

Luci Collin é poetisa e escritora de ficção, publicou 18 livros e participou de diversas antologias nacionais e internacionais. É bacharel em Piano-performance, percussão clássica e Letras. MD em literatura inglesa, PhD em Linguística e em Literatura Inglesa. Fez duas pesquisas de pós doutorado em literature irlandesa.

Roberto Medina é pesquisador na área de processos criativos e autorais da Universidade de Brasília, cursa Doutorado no Pós-lit-UnB. É dramaturgo, diretor de teatro, tradutor, crítico literário, escritor, curador e professor-crítico de poéticas da imagem.

Virna Teixeira é poetisa, tradutora, e neurologista, com mestrado em Humanidades Médicas pelo King's College London. Vive em Londres. Publicou três títulos de poesia escocesa: *Na Estação Central* (Editora UnB, 2006), de Edwin Morgan; a antologia *Ovelha Negra* (Lumme Editor, 2007); e *Cartas de Ontem*, de Richard Price (Lumme Editor, 2009).

Vitor Alevato do Amaral possui bacharelado e licenciatura em Letras (Português-Inglês) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002), especialização (2004) e mestrado em Literatura Brasileira (2006) também pela UFRJ. Doutor em Letras (Linguística Aplicada), em 2013, pela Faculdade de Letras da mesma universidade. Tradutor da UFRJ desde 2008. Desenvolve pesquisa sobre a obra de James Joyce e Tradução Literária.

Wellington Müller Bujokas é paulista, formado em jornalismo pela UFPR, diplomata, tradutor e poeta. Serviu nas embaixadas do Brasil em Aстана e em Moscou. Publicou, em 2012, o livro “Estudos”, pela Travessa dos Editores.

"Este é o novo *ratnakosha* – um tesouro de pedras preciosas – de poemas indianos de vários séculos. Um deleite."

Rachel Dwyer, *University of London.*

* * *

"Construindo pontes entre o clássico e o contemporâneo, disponibilizando poemas de várias das abundantes linguagens da Índia, Abhay K. oferece 100 poemas indianos que nos dão lembranças tangíveis de como pensamos, sentimos e amamos."

Nicholas Birns, *New York University.*

* * *

Iniciativa única, *100 Grandes Poemas da Índia*, assim como a Índia, transcende limites. Uma imersão nas perspectivas, nos sons e nos padrões de pensamento do subcontinente, esta obra não é apenas uma antologia, mas uma distinta e extensa jornada por 3000 anos de poesia indiana em 28 idiomas.

Cuidadosamente editada por Abhay K.,

100 Grandes Poemas da Índia

é uma coleção eminente.



ISSN 1981-2558



9 771981 255000